

# LINHA DE ESPLENDOR SEM FIM

HALFORD E. LUCCOK



# **Linha de Esplendor Sem Fim**

**HALFORD E. LUCCOK**

Do original “*Endless Line of Splendor*”, editado em 1950 por “*The Advance for Christ and His Church*”, Chicago, E.U.A. Publicado em 1956 pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista, com a devida autorização dos editores. Republicado em 2001 pela Editora Bennett. As ilustrações presentes no livro original, uma para cada capítulo, não fazem parte desta edição como, também, não aparecem na edição feita pela Editora Bennett. A capa é a mesma da edição original de 1956. Os dados históricos da história do metodismo brasileiro, escritos pelo Rev. William R. Schisler Filho, são de 1955 e não refletem as mudanças e o crescimento da Igreja Metodista ocorridos nos últimos 50 anos. Da mesma forma, o texto do livro não narra, por ter sido escrito muito antes, a fusão, nos Estados Unidos, da Igreja Metodista com a Igreja dos Irmãos Unidos, também de herança wesleyana, ocorrida em 1968. A nova igreja passou a chamar-se Igreja Metodista Unida.

Tradução de Oswaldo Ramos.

## **”GRAÇAS A DEUS, ALGUMA COISA VENCE A CORRENTEZA!”**

Há muitos, um homem estava onde milhões de pessoas têm estado: atrás de um parapeito, observando, lá de cima, as cataratas do Niágara, no lado americano. Era Robert McIntyre, interessante tipo de natureza humana, homem de rica e variada atividade: escocês, pedreiro, poeta, pregador e bispo metodista. Um pequeno barco a vapor chamou-lhe a atenção porque prosseguia correnteza acima, vencendo o terrível redemoinho do Rio Niágara, sob as cataratas. A imaginação de Roberto incendiou-se, e ele exclamou: “Graças a Deus, alguma coisa vence a correnteza!”

Nós podemos ficar, em imaginação, em um parapeito semelhante, a observar o impetuoso redemoinho da vida no mundo greco-romano no primeiro século de nossa era. Podemos ver a Igreja Cristã lançando-se contra aquela correnteza e exclamar efusivamente: “Graças a Deus, alguma coisa vence a correnteza!” Num mundo onde as mais fortes influências desciam, a comunidade cristã do primeiro século lançou um poder que vencida a correnteza, e subia. Podemos sentir a emoção contida nesse impulso para cima, nas palavras do livro de Atos: “E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar”. Nas palavras do historiador Arnold Toynbee, em seu *Estudo da História*, a Igreja Cristã “trouxe uma fé salvadora a uma civilização moribunda”.

Estudaremos juntos um outro capítulo do movimento ascendente da Igreja Cristã – O Metodismo – abrindo caminho na correnteza da vida nos séculos XVIII, XIV e XX, em todas as partes do mundo. No início, era um pequenino barco lançado no impetuoso e descendente rio da vida, na Grã-Bretanha. A Inglaterra era, em larga escala, um mundo embebido em álcool, dissoluto, cheio de miséria e depravação, de gente desamparada e sem esperança. O poder da religião estava gravemente diminuído.

O Reavivamento Evangélico, que se iniciou no meio do século XVIII, trouxe outra vez “uma fé salvadora” ao que, em muitos sentidos, era “uma civilização moribunda”.

Observaremos, juntos, o lançamento daquele barco, o Movimento Metodista; vê-lo-emos prosseguindo contra a correnteza da vida de seu tempo; depois, nós o veremos atravessar o Atlântico, em direção ao Novo Mundo, abrir caminho no continente americano e, depois, ir por todos os mares do globo, levando a vida de Deus para as almas dos homens e mulheres. É uma história emocionante. Vendo-a desenrolar-se outra vez, ante nossa imaginação, podemos dizer deste ramo da Igreja cristã o que dizemos com gratidão de outros ramos da Igreja: “Graças a Deus, alguma coisa vence a correnteza!”.

Ao percorrermos juntos estas páginas, nosso pensamento não será meramente local, nem retrospectivo. Tentaremos ver o Metodismo como uma parte da Igreja Cristã, que recebeu, com outros grupos, o ímpeto do Espírito Santo. Consideremos a história, não como um armazém de fatos, mas como o poder vivo de grandes memórias, que nos prepara para uma grande ação. A pesquisa daquelas árduas e ousadas horas da história do Metodismo deverá capacitar-nos para agir de tal maneira que, em nossos dias e também depois, possam dizer da Igreja de nossa época: “Graças a Deus, alguma coisa vence a correnteza!”.

Todos a bordo, pois!

## **EVANGELIZANDO AO AR LIVRE**

Estamos, exatamente, no meio de uma das maiores cenas da história cristã. É o dia 2 de abril de 1739, às 4 horas da tarde. O lugar é uma pequena colina em Kingswood, retirada de Bristol, cidade da costa ocidental da Inglaterra. As minas ao redor haviam sido fechadas ao fim do dia, e uma grande quantidade de mineiros, sujos, desganhados e dolorosamente cansados, havia terminado mais um dia de trabalho sob condições opressivas e até mesmo bárbaras. Juntaram-se para ouvir um homem pregar e, logo, havia ali uma multidão de três mil pessoas.

Subiu numa pequena elevação do terreno um homem delicado e franzino, cuidadosamente vestido, em chocante contraste com seu auditório. Não há dúvidas de que o melhor lugar para ele seria uma biblioteca ou os sombrios recessos de uma igreja gótica, em vez de estar entre aquela turba grosseira e desordenada.

Ele parecia hesitante, como, na verdade, por sua própria confissão, estava terrivelmente hesitante.

O homem era João Wesley, um *fellow*\* do Colégio Lincoln, na Universidade de Oxford, ministro ordenado da Igreja da Inglaterra. Estranha figura para a época. Estava cheio de receios mas havia tomado sua decisão e não voltaria atrás. João Wesley anunciou o texto e o rumor da multidão cessou. Sua voz, não grande em volume mas poderosamente penetrante e cativante, levava através do texto uma mensagem quase tão nova para aquelas pessoas esmagadas, como o fora para o povo, quando proclamada pela primeira vez, mais de dezoito séculos antes. Se houve um texto tão próprio e profeticamente escolhido, foi este; porque Wesley usou as palavras de outro Moço, no começo de seu ministério: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para pregar o evangelho aos pobres, curar os quebrantados de coração, pregar libertação aos cativos, dar vista aos cegos, e pôr em liberdade os oprimidos”.

Isso era algo emocionante e novo – esperança para os desesperados, um novo sentimento de que valiam alguma coisa, que Deus os amava e lhes oferecia salvação. Tão ansiosamente responderam que, durante a semana que se seguiu, naquele mesmo lugar, Wesley pregou para mais de quarenta mil pessoas.

Aquele lugar em Kingswood está sendo marcado hoje com a construção de um grande refletor – o símbolo de uma luz que ali brilhou primeiro, e que tem brilhado através da escuridão ao redor de todo o mundo.

A pregação ao ar livre do movimento metodista era um grande instrumento nas mãos de Deus. Começou em Bristol, com George Whitefield, um dos mais eloqüentes oradores que já pregaram, amigo de Wesley e membro do Clube Santo, de Oxford. As igrejas estavam fechadas para ele, por causa do seu “entusiasmo”. Então, seguindo o exemplo de Jesus que, quando as sinagogas estavam fechadas, pregava ao ar livre, Whitefield saiu aos campos de Deus, pregando pela primeira vez, em 17 de fevereiro

---

\* Homem solteiro que, num College – o equivalente a uma faculdade de hoje – tinha determinadas funções, incluindo, ou não, lecionar, pregar, etc.

de 1739, para cem mineiros sujos e indisciplinados. Quando Whitefield pregou pela quinta vez, uma semana depois, tinha um auditório de dez mil pessoas. Depois, pediu a Wesley para continuar seu trabalho.

Aqui estava o começo de uma força poderosíssima.

## **UMA HISTÓRIA DE CRIANÇAS**

O melhor lugar do mundo para grandes começos é o lar. O maior começo de todos deu-se numa manjedoura e num humilde lar de Nazaré.

O Metodismo também nasceu, muito adequadamente, num lar. A educação que as crianças da numerosa família Wesley receberam no lar, ministrada por Susana Wesley, tornou-se a base de todo o movimento metodista. Estamos familiarizados com o ditado segundo o qual “uma instituição é a sombra de um homem”. A história do Metodismo traz uma variante deste provérbio, porque não é exagero dizer que o “Metodismo é a sombra alargada de uma mulher”; Susana Wesley foi uma das maiores mães da história.

O preparo que deu a seus filhos, particularmente a João e Carlos, os fundadores do Metodismo, foi a origem de uma força que se tem avolumado durante mais de dois séculos e meio.

Para o povo de 1708, quando João Wesley tinha 4 anos de idade, teria parecido o mais louco vôo de uma imaginação desordenada, se lhe houvessem dito que um dos mais importantes acontecimentos de toda a Europa, naquele tempo, era o que se dava numa obscura casa paroquial em Epworth, na região fria e lamacenta do leste da Inglaterra: uma senhora ensinava seus filhos a orar. “Asneira!”, teriam dito. As forças do Duque de Malborough estavam alcançando a vitória em Blenheim em 1704! Governos subiam e caíam. Contudo, era verdade incontestável que o maior evento, na sua influência sobre o mundo, estava se desenvolvendo num lar de Epworth.

Dizer isso não seria mais fantástico que afirmar que o maior acontecimento do mundo, mais ou menos no ano 10 de nossa era,

não foi a marcha das legiões romanas e sim que, em Nazaré, outra mãe estava dando a seu filho sua grande e rica herança religiosa, de tal maneira que Ele cresceu em sabedoria, estatura e em graça diante de Deus e dos homens.

Susana Wesley era uma rara combinação de habilidade executiva, senso comum (termo que sempre significa muito incomum), amor aos filhos e profunda devoção e discernimento religioso. João Wesley foi o 15º de dezenove filhos, nove dos quais faleceram quando bem pequenos. Podemos dizer que, verdadeiramente, método era o segundo nome de sua mãe. Ela pôs o **método** no Metodismo. Organizava tudo para os filhos, até mesmo o sono. Punha-os na cama num momento exato e eles lá ficavam! Ela até ensinou os bebês a chorar suavemente, de modo que, depois de um ano de idade, nenhum deles chorava ruidosamente.

No quinto aniversário de cada filho, Susana lhe dedicava o dia inteiro e lhe ensinava todo o alfabeto nesse dia. No dia seguinte, ensinava a criança a ler o versículo: “No princípio, criou Deus os céus e a terra”. Seu amor pelos filhos e sua dedicação religiosa estão assinalados na oração que escreveu depois que João, aos seis anos de idade, foi salvo de um incêndio: “Pretendo ser particularmente cuidadosa, como nunca antes, com a alma desta criança que tu tens cuidado tão misericordiosamente, para que eu possa inculcar em sua mente os princípios da verdadeira religião e virtude”. Essa dedicação foi levada até o fim. Sua profunda sabedoria brilhou no conselho que deu a João, quando este pensava em tornar-se ministro: “O verdadeiro fim da pregação é endireitar a vida dos homens e não entulhar suas cabeças com especulação inútil”.

E assim, a História pode dizer: “E tu, Epworth, não és de maneira alguma a menor das cidades da Inglaterra, porque de ti sairá um príncipe”.

Tudo isso nos deixa com uma inquiridora questão: “São nossos lares lugares onde, pelo ambiente e espírito, pode ser originada uma força pelo Reino de Deus?”

## UM CONTO DE DUAS CIDADES

Charles Dickens escreveu uma excitante novela: “*Um conto de duas cidades*”, a respeito de Londres e Paris no tempo da revolução francesa. Poder-se ia dizer, com toda a reverência, que Deus também escreveu um conto de duas cidades, um excitante conto elaborado no desenrolar da história de duas pequenas aldeias no Leste da Inglaterra: Scrooby e Epworth. São tão pequenas que não passam de dois pontos insignificantes no mapa. No entanto, aquelas aldeias tinham um encontro com a História porque, por estranha coincidência (melhor diríamos: “Providência”), dessas duas pequenas aldeias, separadas entre si por apenas uns vinte quilômetros, saíram duas forças espirituais: a migração Puritana para a América, de Scrooby, e o Reavivamento Metodista, de Epworth, que têm sido verdadeiros poderes, dando ao mundo de fala inglesa as mais transformadoras influências espirituais dos séculos VXII e XVIII.

Dê asas à sua imaginação e venha comigo numa longa jornada, de bicicleta ou de automóvel, porque não há ainda estrada de ferro para nenhuma daquelas cidadezinhas.

Precisamos procurar atentamente para encontrar qualquer uma delas em um grande mapa. Começemos por Scrooby. Vamos entrar na pequena paróquia e recordar que daquele local saiu a Igreja Peregrina, que foi para a América do Norte, no “*Mayflower*”. Tomavam tão seriamente sua religião e acreditavam em Deus tão profundamente que estavam dispostos a abandonar seus queridos lares e ir, como Abraão, em busca de “um melhor país”, onde pudessem adorar a Deus com liberdade. Foram primeiro a Leyden, na Holanda, e, em 1620, muitos deles, com outros, foram à América do Norte; eram os *Pais Peregrinos*.

Era um povo intrépido e resoluto. Criam na sabedoria de Deus e procuravam criar uma ordem de vida sob aquela soberania.

Como escreveu Macauley sobre os Puritanos: “Curvavam-se diante do Senhor que os fez, mas punham seus pés nos pescoços dos reis”.



“Leis, liberdade, verdade e fé em Deus vieram com aqueles exilados, sobre as ondas”.

Agora, vamos a Epworth. É ainda uma pequena aldeia adormecida e remota, mas com direito à fama. Aqui, Samuel e Susana Wesley criaram sua família e isso é suficiente para colocá-la na lista das grandes “cidades” do mundo.

Na primeira metade do século XVIII, o povo de Epworth era rude e mesmo selvagem. O longo ministério dos pais de João Wesley na igreja de Epworth poderia ser descrito como fracasso completo.

E, de fato, João Wesley disse isso, meditando nos quase invisíveis resultados de quarenta anos de labor. Mas a aritmética de Deus é diferente da do homem. Daquela aldeia e do longo e “infrutífero” labor dos pais de Wesley, saiu uma corrente de influência para o mundo que, como um rio gigantesco, tem trazido vida e frutos a todas as partes do mundo.

Há ainda outro paralelo ao “*Conto de duas Cidades*”, de Dickens. A primeira sentença daquela novela diz o seguinte: “Era um dos piores tempos; era um dos melhores tempos”. Falando-se do nascimento do Reavivamento Evangélico, isso também era verdadeiro. Era um dos piores tempos, quando consideramos a condição do povo inglês e a impotência da Igreja. Era também um dos melhores tempos, porque Deus estava preparando uma surpresa agradável.

Estas são grandes heranças que devemos amar. “De Scrooby saiu, na verdade, se não em fatos reais, o Mayflower, para fundar um novo mundo. E de Epworth saiu João Wesley para salvar o antigo”.

## **O HOMEM A CAVALO**

Muitas das novelas de aventuras começam com a figura solitária de um cavaleiro caminhando por uma estrada deserta. A história de evangelização metodista começa da mesma maneira, com João Wesley, “o cavaleiro de Deus”, caminhando por uma

estrada da Inglaterra, atravessando um pântano lamacento ou um rio turbulento.

Em um sentido completamente diferente, o “cavaleiro” tem sido a mais sombria figura em toda a História. Tem sido o terrível símbolo das forças da morte e devastação que têm percorrido a terra. É que o homem a cavalo subia ao poder pisando montanhas de cadáveres e escombros de cidades. Harry Kemp retratou-o em memoráveis linhas, descrevendo conquistadores tais como Gêngis Khan, Alexandre, o Grande, Júlio César, e “como coisa diabólica, Átila, o huno”.

O Mundo precisava de um novo tipo de cavaleiro. João Wesley passou a maior parte de sua vida no dorso de um cavalo. Ele era um novo tipo de conquistador porque não trouxe morte, mas vida, a “vida que é verdadeiramente vida”.

Lemos no Salmo 33 que “o cavalo é vão para a segurança”; mas o cavalo tem sido uma coisa tremenda para a evangelização! Que Wesley apreciava seu cooperador na obra do Senhor, o cavalo, nós o notamos em uma regra que deu ao seus pregadores: “Seja misericordioso para com sua besta. Não somente cavalgue moderadamente mas verifique, com seus próprios olhos, se seu cavalo está escovado, alimentado e tem onde dormir”. Wesley não parecia ser talhado para cavaleiro; ele não era Búfalo Bill ou Lone Ranger. Sentava-se na sela com esmerado cuidado, sempre vestido com impecável limpeza, sempre calmo e lógico no falar. Durante toda a vida detestou gritos e censurava os pregadores que gritassem. No entanto, ele foi um cavaleiro mais prodigioso que Napoleão.

Durante mais de cinquenta anos, percorreu, quase sempre a cavalo, cerca de 375.000 quilômetros e pregou 40.000 sermões. Muitas vezes percorria distâncias incríveis, 120 quilômetros ou mais por dia, fazendo, numa vez, 150 quilômetros em vinte horas. Houve uma semana, em abril de 1747, em que ele pregou quinze vezes, em treze diferentes lugares. Visitou a Irlanda 42 vezes. Por mais de 50 anos, pregou cerca de 800 sermões anualmente. Com a idade de 85 anos, durante um período de oito semanas, pregou oitenta vezes. Adiciona-se a tudo isso o fato de que ele usualmente começava a pregar às cinco horas da manhã. Agostinho Birrel

diz que ele “pagou mais taxas de pedágio que qualquer outro homem que haja cavalgado uma besta” e considera o *Diário* de Wesley “como o mais espantoso registro de esforço humano já escrito ou suportado”.

Átila, chefe dos hunos, que percorreu a Europa por volta do ano 450, foi denominado “o flagelo de Deus”. Wesley, que percorreu as estradas 1.300 anos depois, poderia verdadeiramente ser chamado: “a bênção de Deus”. Roberto McIntyre apanhou a essência da epopéia em poucas palavras:

Olhei para o céu com visão bem clara  
e vi anjo alto, esperando, para  
dar boas-vindas àqueles a quem chama  
para a cidade dos doze portões brancos.  
Perguntei-lhe: “Que forte alma levou  
à cruz de Cristo esta brilhante hoste?”  
Seu sorriso floriu, glorioso, quando falou:  
“Um homem chamado Wesley passou por aqui”.

## **O CLUBE SANTO E O CÁRCERE**

Cena para começo de um drama: a época, um dia de agosto de 1730; o lugar, a rua Alta, em Oxford; o ator, um jovem estudante, Guilherme Morgan, a caminho do cárcere.

Alguém poderia dizer: isso é uma história velha. Os estudantes têm sido presos desde que os colégios foram fundados. Têm sido selvagens, destruidores e bêbados. Por isso, um estudante de Oxford, do século XVIII, metido numa toga, indo para a cadeia, é “coisa corriqueira!”

Mas isto foi diferente. William Morgan estava a caminho do Castelo, um cárcere de Oxford, para visitar um criminoso condenado à morte. William era membro de um pequeno grupo de estudantes tão profundamente interessados na religião, que foram chamados pejorativamente “o clube santo”, por colegas escarnecedores, interessados mais na mesa do almoço do que na mesa da comunhão. Outros nomes zombeteiros que lhes lançavam eram: “traças da Bíblia”, “o clube divino” e, depois, “metodistas”.

Este apelido apareceu por causa da prática do método nas devoções religiosas e em todo o viver. Este nome persistiu.

Naquele dia de agosto, enquanto conversava com o prisioneiro, que em breve estaria pendente da força, Morgan descobriu algo. Descobriu um novo meio de fazer o bem, porque os membros do “clube santo” estavam empenhados nisso, tanto quanto na salvação de suas almas. Aqui estava um tipo de serviço completamente negligenciado, possivelmente porque os cárceres eram horrivelmente repulsivos. Morgan falou com outros prisioneiros, muitos dos quais ali estavam por causa de dívidas. Então, desafiou outros dois membros do clube, João e Carlos Wesley, para que o ajudassem nesse trabalho. Naturalmente, sendo “metodistas”, eles o fizeram com método e logo estavam visitando os presos regularmente, duas vezes por semana. Depois, começaram a visitar os doentes pobres da cidade, levando-lhes ajuda, cuidando das crianças pobres e ensinando nas escolas. Essa reunião entre devoção interna e serviço externo deixou uma profunda marca em todo o movimento metodista.

A lista dos componentes daquele “clube santo” é impressionante. Carlos Wesley, irmão de João, foi o organizador. Ele havia sido muito pouco inclinado a assuntos religiosos em seus primeiros tempos em Oxford e, em certa ocasião, respondeu asperamente à exortação de seu irmão João dizendo-lhe que não poderia “transformar-se em santo de uma só vez”.

Mas a influência do lar era muito forte. Carlos tornou-se profundamente religioso; foi ele quem tinha livrado William Morgan das más companhias e da dissipação. João Wesley era membro do “clube santo” e líder deste, anos depois. George Whitefield, filho de um taberneiro, ex-dependente de taberna, destinado a tornar-se um dos maiores pregadores do mundo, era também do grupo. Havia entre 14 e 29 membros. Eram aplicados nos estudos mas suas principais atividades eram religiosas: estudo da Bíblia, oração e culto.

A grande e perdurável influência veio da união da “fé às obras”, depois que Morgan iniciou o trabalho no cárcere e bairros necessitados da cidade. Era uma interpretação nova e de longo alcance do preceito: “o que Deus ajuntou, não o separe o ho-

mem”. Deus uniu o cultivo da vida interior do espírito e a expressão dessa atitude em serviço ao próximo. Essa união é belissimamente interpretada no registro de Wesley, em seu diário, em 13 de maio de 1739: “todas as manhãs, eu oro e prego em Newgate”. O Metodismo, como um todo, não perdeu aquela união da piedade com serviço, e nunca deverá perdê-la.

## **MEU CORAÇÃO FOI ESTRANHAMENTE AQUECIDO**

Há uma pequena rua em Londres, próximo à Catedral de São Paulo, com sua grande cúpula, que teve um estranho destino. Seu nome é Aldersgate. A palavra Aldersgate passou para a memória e linguagem da Igreja, e também para a História, identificada com a experiência religiosa que estabeleceu a direção e deu o poder a Wesley e ao Movimento Metodista. O historiador William H. Lencky denomina o dia da experiência de Wesley “uma época na história da Inglaterra”.

Pode-se dizer, na língua de Shakespeare, que algumas ruas alcançam celebridades, enquanto outras têm celebridade imposta sobre elas mesmas. A rua Aldersgate tinha celebridade “imposta sobre ela”. É um dentre os poucos lugares que encontraram um lugar especial na História, como palco de uma experiência espiritual que teve efeitos sobre o mundo todo. A estrada de Damasco, há muito sepultada pelo tempo, onde Paulo teve a visão que moldou a sua vida – é um deles. O Jardim de Milão, na Itália, onde Santo Agostinho ouviu a voz: “toma, lê”, é outro. A Igreja de São João Latrão, em Roma, onde Martinho Lutero ouviu com extraordinário poder as palavras: “o justo viverá pela fé”, também é outro.

Era o dia 24 de maio de 1738 – um importante dia da história do Cristianismo, embora ninguém o soubesse ainda nesse tempo. João Wesley, há pouco chegado da Geórgia, na América do Norte, onde havia tido uma experiência desapontadora, estava a caminho de uma pequena reunião de oração, em estado de tensão. Sua vida tinha sido de tremendo fervor mas ele não tinha ainda encontrado a paz e segurança para sua fé. As palavras com que descreve esta experiência tornaram-se clássicas na história cristã. Assim foram elas registradas no seu *Diário*, nesse dia:

“À tarde, fui sem grande vontade a uma sociedade na Rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus realiza no coração pela fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e uma segurança foi-me dada, de que Ele havia perdoado meus pecados e salvou-me da lei do pecado e da morte”.

Aqui estão algumas palavras de Lutero, que foram ouvidas naquela reunião:

“A fé é uma energia no coração, tão eficaz, viva e inspiradora que é incapaz de permanecer inativa. A fé é uma constante confiança na misericórdia de Deus para conosco, pela qual nos lançamos inteiramente em Cristo e nos entregamos inteiramente a Ele”.

Aquela experiência deu a Wesley três grandes coisas, que ele nunca perdeu: clima, direção e oportunidade espirituais. Ele acreditava que uma atitude pessoal – a fé – era suficiente para a salvação, e que se pode aceitar a salvação como um fato consumado. Aquela convicção foi o ponto central da ênfase metodista. Quando pensamos naquela insignificante e quieta reunião em Londres, conhecida nesse tempo por apenas algumas pessoas, convencemo-nos de que os efeitos de um dia não podem nunca ser medidos sem que haja decorrido um longo tempo. Christopher Morley descreve-o com maestria:

“Nunca escreva seu diário  
no próprio dia;  
leva muito tempo  
para saber-se o que aconteceu”.

Isso foi verdadeiro acerca de todo grande dia na história. É especialmente verdadeiro quando falamos do dia chamado Sexta-feira da Paixão. Foi verdadeiro quanto ao dia em que Martinho Lutero pregou suas teses numa porta de Wittenberg, na Alemanha. Foi verdadeiro quando falamos daquela insignificante reunião de oração na Rua Aldersgate, em Londres.

## SEMPRE OLHE DE FRENTE O GRUPO HOSTIL

“Sempre olhe de frente o grupo hostil.” Essas palavras são um conselho de João Wesley aos seus pregadores quando saíam a enfrentar, muito freqüentemente, as prisões, as pedras e cacetes, o piche e penas de aves esfregados no corpo. Dizer tais palavras seria muito fácil para uma pessoa que nunca sofreu isso. Wesley, nos muitos anos de pregação itinerante, havia obtido o direito de dar conselho. Ele o havia praticado. Ele olhou de frente multidões após multidões hostis. Eis suas próprias palavras, descrevendo o feroz ataque de uma multidão brutal em Wednesbury, em 20 de outubro de 1743:

“Tentar falar era em vão, porque o ruído, por todos os lados, era como o rumor do mar. Então, arrastaram-me até chegarmos à cidade onde, vendo aberta a porta de uma grande casa, tentei entrar; mas um homem, agarrando-me pelos cabelos, empurrou-me para o meio da multidão. Não mais pararam até levar-me através da rua principal, do começo ao fim da cidade. Continuei falando todo tempo àqueles mais próximos, não sentindo dores nem cansaço. Na parte oeste da cidade, vendo uma porta entreaberta, fiz menção de entrar, e teria entrado se um senhor na loja não me impedisse, dizendo que a multidão poria abaixo a casa. Entretanto, permaneci à porta e perguntei: desejam ouvir-me? Muitos gritaram: “Não, não; arranquem-lhe os miolos; fora com ele. Matemo-lo de uma vez”. Outros disseram: “Não, ouçamo-lo falar primeiro”. Comecei perguntando: “Que mal pratiquei eu? A quem injurei eu com palavras ou atos?” E continuei falando por cerca de um quarto de hora, até que minha voz subitamente fraquejou. Então, a torrente começou a levantar a voz, gritando alguns deles: “Levem-no embora! Levem-no embora!”.

Isso é apenas uma amostra. O Diário de Wesley descreve 60 tumultos. Ele escreve num lugar que Walsall, em Staffordshire, estava “cheio de bestas selvagens de Éfeso” que rugiam incessantemente, gritavam e atiravam pedras; “fui derrubado três vezes”.

Esse espírito é refletido na tradução feita por Wesley do hino de Paulo Gerhardt:

“Dá aos ventos teus temores,  
espera e não temas”.

Os ventos estavam sempre ocupados, carregando para longe os temores de Wesley. Um jornalista, William T. Stead, usou uma bela frase para descrever a intrépida coragem de Wesley – “o coração de um leão”. Aqui estão suas palavras, dizendo que nem mesmo o grande gênio de Wesley teria deixado tão grande impressão na história do mundo “sem aquele corpo maravilhoso, com músculos de corda, pulmões de couro e coração de leão”.

Verdadeiramente, uma herança tremenda mas, também, uma tremenda responsabilidade o desafio aos metodistas em todos os lugares e em todos os tempos. “Sempre olhe de frente o grupo hostil”! Vivemos nós de acordo com esse imperativo? Há grupos hostis a enfrentar em nossos dias, forças poderosas, turbulentas, anticristãs, demônios agressivos, procurando devorar os homens, mulheres e crianças por quem Cristo morreu. Evoque aquela calma figura imóvel, olhando de frente a multidão.

## **POR HOJE BASTA**

Suba num cavalo e cavalgue por um momento pelas estradas inglesas, com um dos batedores da “Cavalaria de Deus” no século 18, João Wesley. Provavelmente, você não tem praticado equitação ultimamente, mas as escoriações que você adquirir serão amplamente compensadas pelas inspirações.

Aqui está o registro de alguns dias do Diário de Wesley, uma amostra concreta do que era seu programa rotineiro, continuamente, verão e inverno, por muitos anos. Wesley tinha 74 anos de idade quando os oito dias sintetizados começaram.

Sexta-feira, 9 de maio, cavalgada de Osmotherly, a 23 quilômetros de Malton, Yorkshire, sofrendo intermitentes ataques de febre. Ele prega. Ouvindo dizer que E. Ritchie está muito doente, parte após o serviço e chega a Otley, 72 quilômetros de distância, às quatro horas da madrugada do sábado.



Depois de ver o inválido, volta a Malton, tendo cavalgado, como diz, 140 e 160 quilômetros. Descansa uma hora e, depois, cavalga 33 quilômetros para Scarborough e prega à noite. No domingo de manhã, está tremendo com febre. Deitado entre cobertores, bebe limonadas quentes, transpira, e dorme durante meia hora; levanta-se e prega. Depois, encontra-se com a Sociedade. Na segunda-feira está pregando em Bridlington. Na terça-feira está pregando em Beverly, de manhã, e, à tarde, em Hull, tendo cavalgado 54 quilômetros naquele dia. Na quarta-feira, cavalga 39 quilômetros para Pockington, prega, cavalga 18 quilômetros mais longe para York e prega outra vez. Admite sentir seu “peito fora de ordem” e alegremente descansaria. Mas é esperado em Tadcaster. Às nove horas da manhã, na quinta-feira, está num coche, que se quebra. Pede emprestado um cavalo fogoso de cujos movimentos, Wesley alegremente diz, “eletrificam-no”, e ele se sente melhor! Prega e, naquela mesma noite, volta 18 quilômetros para York. No dia seguinte toma a diligência para Londres.

No inverno de 1745, quando era muito mais moço, com quarenta e dois anos de idade, no norte da Inglaterra, uma pesada neve bloqueou todos os caminhos: “vento, granizo e neve fazem do país uma camada de gelo intransitável”. Os cavalos caíam e tinham de ser guiados por Wesley e seus companheiros. No próximo inverno este estava “endurecido dos pés à cabeça por um violento nevoeiro”.

Isso era evangelização em termos de movimento. Não é de estranhar que Samuel Johnson escrevesse acerca deste homem: “Odeio encontrar-me com João Wesley. O cão encanta-me com sua conversa e depois parte para ver alguma velhota”. Podemos estar certos de que se a “velhota” estava em necessidades, tinha uma prioridade definida sobre o grande Dr. Johnson. Em outra ocasião, o Dr. Johnson reclamou que Wesley “nunca cruzava as pernas para acabar uma conversa”. As pernas de Wesley estiveram “descruzadas” por noventa anos.

Esta energia não era um movimento inútil. Antes de o sol sumir-se, ele havia feito trabalho de diversos dias. Ele era compelido pelo seu desejo de ajudar e salvar as pessoas. Há um belo tributo a um pregador metodista do século 19, Hugh Price Hughes.

Dizia-se dele que “ele tomou a antiga paixão pelas almas dos homens e a colocou na corrente da vida moderna”. Isto era o que os primeiros líderes metodistas fizeram. É uma necessidade apostólica de todas as eras.

## **SER METODISTA ERA COISA SÉRIA**

Os primeiros registros das sociedades metodistas estão cheios de gente entrando. Não devemos nos esquecer de que o tráfego era em dois sentidos. Muita gente era expulsa. O expurgo, tanto quanto o convite, eram usados.

Isso é uma indicação da extraordinária visão espiritual de Wesley e dos líderes das sociedades. Não cometeram o erro comum, vulgar, de estarem mais interessados na quantidade do que na qualidade. Wesley continuamente pregava a grande multidões, às vezes perto de 20.000 pessoas ou mais. Mas nunca se enganou com multidão. Ele estava interessado na qualidade de vida verificada nos convertidos, não em números. Nisso, ele tinha a mente de seu Mestre. Jesus passou a maior parte de sua vida fugindo das multidões. Mas Ele, também, nunca se enganou com a multidão. Lemos constantemente nos Evangelhos: “despediu a multidão”.

Aqui está uma demonstração do Diário de Wesley, de que ser metodista era coisa séria. Sob a data de 12 de março de 1743, Wesley, dá o resultado de sua investigação na sociedade de New Castle, sobre quantos foram expulsos e por quê. Aqui está:

“O número daqueles que foram expulsos da Sociedade era sessenta e quatro:  
dois por blasfêmia e juramento.  
Dois por habitual quebra do dia de descanso.  
Dezessete por embriaguez.  
Dois por venda de bebidas alcoólicas.  
Três por desavença e briga.  
Um por bater na esposa.  
Três por mentira habitual e premeditada.  
Quatro por afronta e maledicência.  
Um por indolência e preguiça.  
Vinte e nove por leviandade e descuido”.

Esse registro levanta inquiridoras perguntas para nós. Vemos nós tão claramente que *qualidade de vida* é mais importante do que número? E também, se as pessoas fossem hoje expulsas das igrejas metodistas por “indolência e preguiça”, “leviandade e descuido”, seria o rol das igrejas tão grande como é? Estaríamos nós ainda no rol?

Ser metodista era coisa séria. E ainda o é.

## **DUAS REVOLUÇÕES**

Duas grandes revoluções se desenvolveram na Grã-Bretanha nos primeiros dias do Movimento Metodista, e ambas desataram novas forças na terra. A primeira foi a revolução espiritual representada pelo avivamento evangélico, um novo poder religioso na vida das pessoas e das nações. A outra foi a revolução industrial, um novo poder mecânico que mudou a face da terra.

Essas duas grandes revoluções se desenvolviam no mesmo pequeno pedaço de terra e na mesma fração de tempo, constituindo um exemplo frisante do que tem sido chamado “os belos caminhos da Providência.”

Veja-os.

A 2 de abril de 1739, João Wesley levou o evangelho ao ar livre, em Bristol, iniciando, assim, o avivamento metodista. Exatamente seis meses antes disso, a alguns quilômetros, ao norte, em Lancashire, João Kay inventou a lançadeira, que foi o verdadeiro começo da revolução industrial. Assim, ao mesmo tempo e na mesma área estavam se desenvolvendo duas revoluções concorrentes. Nessas duas datas e dois acontecimentos obtemos o tema central dos duzentos anos seguintes da história – a inter-relação do império das máquinas e do reino de Deus.

É um fato significativo da história que a verdadeira hora do nascimento de uma invenção em força mecânica que mudou a face da vida desde então, que levantou a possibilidade de devastar a vida tanto quanto servi-la, viu também um novo nascimento da religião. Por duas maneiras diferentes, a Inglaterra, naquela

geração, estava provando os poderes vindouros – poder mecânico e poder espiritual – que levantaram a promessa do controle da máquina, fazendo-a serva e não senhora da humanidade; bênção e não um suicídio coletivo.

Durante cinquenta anos esses dois desenvolvimentos de poderes correram lado a lado. No ano em que se realizou a Conferência Metodista de 1764, James Hargreaves inventou a máquina de fiar, a máquina que deu nascimento à tecelagem. Cinco anos depois, Arkwright inventou o tear hidráulico, o primeiro maquinismo têxtil, de força motriz, no mesmo ano em que Boardman e Pilmoor navegaram para a América. Pela primeira vez em 1776 alcançou êxito o emprego da máquina a vapor.

Além disso, no mesmo local dessa revolução industrial, foi onde o Metodismo se espalhou mais largamente e foi arraigado mais profundamente: no norte industrial. João Wesley visitou as novas cidades industriais: Leeds, Manchester, Birmingham e New Castle, entre cinquenta e setenta vezes cada uma. Lá, as “fábricas satânicas e negras” estavam crescendo em sua sordidez e crueldade. Lá, também, pela graça de Deus, foi lançada uma nova força espiritual.

Mantenha em mente aquela grande frase da epístola aos Hebreus: “aqueles que têm experimentado as forças da era vindoura”.

No século 18, a Inglaterra experimentou dois tipos de poder vindouro. Hoje, nosso mundo experimenta o poder vindouro, poder físico que sobrepuja a imaginação, estupendo e terrível. Em nosso tempo, o mundo deve provar largamente o poder espiritual, o poder da revelação de Deus em Cristo, que pode controlar e dirigir o poder físico.

## **A REUNIÃO DE CLASSE**

Repare em dois contrastes: um no primeiro século e o outro no século 18.

O contraste é o mais forte meio de pintura. Era por este meio que Jesus ensinava. Três quartas partes de todas as histó-

rias que Ele contou são em termos de um vivo, inesquecível contraste – o fariseu e o publicano, as virgens prudentes e as imprudentes, a casa na areia e a casa na rocha.

No primeiro século, uma das grandes cenas no ministério de Jesus foi quando Ele falou à maior multidão registrada nos evangelhos: cinco mil pessoas. Seria uma multidão ainda hoje. Que contraste com o pequeno grupo de discípulos, um lastimoso punhado de doze homens! No entanto, os doze eram uma multidão maior que os cinco mil, considerando a sua influência duradoura.

Pule, agora, em imaginação, para 1740 e 1750. Fique com João Wesley naquele grande anfiteatro natural em Gewennap Pit, perto de Redruth, em Cornwall. Trinta mil pessoas estão amontoadas nos declives, imobilizadas por aquela voz aguda e forte. É admirável como Wesley e Whitefield se arranjaram sem o microfone e amplificador do século vinte! Agora, deixe a multidão e suba a Bristol. Entre num quarto pequeno e pobremente mobiliado, com um grupo de cerca de doze pessoas de aspecto vulgar. Estamos em 15 de fevereiro de 1742. Você está presente à organização da primeira “reunião de classe” metodista, à primeira moldagem de um instrumento de enorme influência. Os doze, como no ministério de Jesus, eram maiores que trinta mil. Porque o grupo representava uma disciplinada associação para auxílio mútuo.

É essencial recordar que o Metodismo não começou como igreja. Ele não se constituiu uma igreja separada na Grã-Bretanha, até depois da morte de Wesley. Nem mesmo em seus últimos anos ele completou a organização do Metodismo como igreja separada. Começou como pequenas sociedades religiosas. Em breve as circunstâncias evidenciariam a necessidade de grupos ainda menores dentro da sociedade, os quais vieram a ser conhecidos como “reuniões de classe”. Como muitas inovações no Metodismo, cresceu este plano como um meio prático de enfrentar uma situação existente.

O primeiro grupo em Bristol, por exemplo, foi antes de tudo, um meio de angariar fundos. Era realmente o precursor da “solicitação de todos os membros”, cena tão familiar na igreja moderna. A pequena sociedade estava organizada em grupos, tendo um líder em cada um. De cada membro solicitava-se a contribuição de

um penny por semana. Dessa maneira, uma intensa associação foi construída. Não demorou muito para que o povo fosse o principal interesse e não o dinheiro. O grupo geralmente era constituído por doze pessoas, com um líder; aqui estava a “admoestação”, muito antes de uma palavra tornar-se um termo técnico. Cada membro do grupo era examinado no seu progresso na vida cristã. Encorajamento, admoestação ou conselho eram dados. O indivíduo era envolvido em um modo de vida. E aqui estava uma realização concreta da promessa: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles”. Aqui, onde doze estavam reunidos para cuidado, inspiração e fortalecimento da comunhão, estavam o segredo e a estabilidade do movimento metodista.

## **UM NOBRE EXÉRCITO DE AMADORES**

Eis o que freqüentemente significava ser pregador leigo metodista. É uma pequena passagem da vida de João Nelson, um corpulento pedreiro convertido com a pregação de João Wesley, em Morfields, Londres. Em Nottingham, ele foi assaltado por uma multidão e conduzido perante o juiz, sob acusação de “distúrbio à paz”.

“Por que você não pode ficar em casa?”, perguntou o juiz. “Você vê que a multidão não permitirá que você pregue aqui.”

“Eu não sabia que esta cidade é governada pela multidão”, foi a pronta resposta de Nelson.

“Não pregue aqui”, ordenou o juiz, quando Nelson continuou a falar, apontando as necessidades morais da cidade.

Contando a história a Wesley, Nelson adicionou: “mas Deus abriu minha boca e não cessei de colocar a vida e a morte diante dele”.

Nem sempre se saía bem assim. No dia seguinte, em Elcomb, fora de York, foi atacado por uma multidão de bandidos, derrubado e pisado até perder os sentidos. O poderoso braço de pedreiro de Nelson poderia ter amassado muitos daqueles valentões vulgares mas ele não queria provocar tumulto geral. Quando

foi espancado até tornar-se inconsciente, o bando pisou-lhe em cima, para “atropelar o Espírito Santo”, como zombavam. Arrastaram-no pelos cabelos, e o derrubavam a cada vez que tentava levantar-se. Mas, no dia seguinte, ele estava a caminho para tentar outra vez em outra parte! Era preciso mais que pesadas botas para “atropelar o Espírito Santo” daqueles pregadores leigos.

Assim, poderíamos chamar o longo rol. Havia o Sr. Alexandre Mather, um padeiro londrino, que, finalmente se tornou itinerante, percorrendo 240 quilômetros no seu primeiro circuito. Thomas Walsh, irlandês, convertido do Catolicismo Romano, grande lingüista e pregador eloqüente, que se consumiu à idade de vinte e oito anos; e o pregador leigo James Wheatley, que foi arrastado pelos cabelos através da ruas de Northwich. Moisés Dale foi carregado ao redor de Northwich no cepo de um açougueiro, arrastado ao lugar do mercado e lá assopravam em suas ouvidos com chifres de boi até ficar quase surdo. Quando o bispo de Armaugh disse a Carlo Wesley, em tom horrorizado: “mas, disseram-me que são homens incultos”, Carlos respondeu: “alguns o são, e assim o mulo repreende o profeta”.

Esses pregadores leigos do primitivo Metodismo foram os sucessores diretos e espirituais dos pregadores leigos de uma época ainda mais primitiva. Essa idéia de pregadores leigos não era nova. Amós era pregador leigo. Assim era Isaías. Assim eram os doze discípulos e os setenta enviados por Jesus para proclamar as Boas Novas do Reino de Deus. No sábio uso dos leigos como evangelistas, o Metodismo fez uma redescoberta do espírito da primitiva Igreja Cristã. O Cristianismo espalhou-se pelo mundo romano por meio de “amadores inspirados”. O Evangelho foi levado por comerciantes, mascates, trabalhadores braçais, escravos. Não havia ministros ordenados no começo. São Paulo fazia tendas e velas de navio, como ocupação. João Wesley teve de ser persuadido por sua mãe, Susana, para não proibir a um leigo, Thomas Maxfield, de pregar. Ela o avisou solenemente: “cuidado com o que você faz com aquele jovem, porquanto ele é tão verdadeiramente chamado por Deus para pregar como você o é”. Maxfield obteve permissão para pregar e fê-lo com tão extraordinários resultados que Wesley estendeu a prática a homens de diversas ocupações – carpinteiros, negociantes, pedreiros, fazendeiros,

soldados – enviando-os a pregar e cuidar das sociedades nascentes. Não eram ordenados, a não ser pela ordenação descrita pelas palavras: “minha ordenação poderosa é a das mãos transpassadas”.

## **AMOR DIVINO QUE A TODOS EXCEDE**

Freqüentemente, entre 1730 e 1740, ao fim do dia ou mesmo à noite, um homem, cavalgando um cavalo cansado, parava à frente de um pequeno edifício em City Road, Londres. Isto soa como o começo de salteador de estradas, não é? E é assim mesmo, embora seja um tipo diferente do tradicional salteador de estradas. Esse homem percorreu mais estradas do que os célebres bandidos. Desmonta do cavalo, corre para a porta e grita: “Pena e tinta! Pena e tinta!” como se a sua vida dependesse disso. Mas, as pessoas da casa estavam acostumadas a isso; trouxeram o material de escrita e o deixavam a sós.

O edifício era o quartel-general do Metodismo e o homem era Carlos Wesley, irmão mais jovem de João Wesley, voltando de uma jornada de preparação, homem destinado a ser conhecido como, provavelmente, o maior compositor de hinos da história cristã, hinos que têm sido cantados em todo o mundo. Compôs muitos de seus hinos quando a cavalo, e, chegando ao seu destino, corria a escrevê-los, enquanto ainda estavam “quentes” na mente. Talvez alguns dos hinos imortais publicados em seu primeiro volume, em 1739, tais como “Ouve! Os anjos arautos”, “Cristo, o Senhor, ressuscitou hoje” foram compostos na sela.

Os metodistas eram um povo que cantava. Nisso se patenteia muito o poder do movimento. A ode de Arthur O’Shanghnessy poderia ser tomada para retratar o poder da música no reavivamento evangélico:

“Fazemos música e sonhamos.  
.....  
No entanto, parece que movemos  
.....  
E abalamos o mundo para sempre.  
.....  
Um homem com um sonho



sairá a conquistar uma coroa;  
três homens com uma nova canção  
podem calcar um império aos pés”.

Certamente, “três com uma nova canção podem calcar um império aos pés”. Aquelas pessoas saíram para batalhar pelo Reino de Deus, contra o reino do mal, e uma das armas principais era a música exultante e alegre.

Cantaram um novo dia na Grã-Bretanha. Até 1737 não havia livro de hinos na Igreja da Inglaterra. A maior parte da música da Igreja era um zumbido de paráfrases dos Salmos. Os hinos meto-distas eram algo novo, expressões alegres de uma experiência interior. João Wesley havia dito que “santidade azeda era a religião do Diabo”.

Carlos Wesley era um gênio lírico, um “Trovador de Deus”. Escreveu mais de seis mil hinos. Naturalmente, nem todos eram boa poesia. Seu irmão João, um crítico franco, disse: “alguns são bons; alguns são inferiores; alguns são excepcionalmente ótimos”. Mas, pense na contribuição desses hinos à Cristandade. Citemos alguns: “Jesus, amante de minha alma”, “Amor divino, que a todos excede”, “Um compromisso a cumprir eu tenho” (chamado “A Marselhesa metodista”), “Soldados de Cristo, levantai-vos!”, “Oh! Se eu tivesse mil línguas”, “Vem, Espírito Divino, inspirar nossos corações”, “Vós servos de Deus, proclamai o vosso Mestre”. Qualquer um deles é suficiente para imortalizar uma pessoa.

Houve outros inspirados escritores metodistas de hinos, tais como William Williams, que escreveu “Guia, Grande Jeová”; Edward Perronet, que escreveu “Poder do nome de Jesus”; e aquele rude, inculto pregador rural, Thomas Olivers, que escreveu a majestosa ode “Ao Deus de Abrão louvai”.

A Inglaterra, nos grandes dias da grande Elisabeth, tem sido chamada “um ninho de aves canoras”. Certamente, a Inglaterra da metade do século 18, quando o evangelho foi levado aos campos, era “um ninho de aves canoras”. Tinham algo sobre que cantar – o amor de Deus, que a tudo excede.

## AQUELA EXECRÁVEL VILANIA

Em 24 de fevereiro de 1791, um homem idoso, com oitenta e oito anos de idade, sentou-se para escrever uma carta. Não havia nada de incomum nisso, exceto que homens dessa idade não passam muito tempo escrevendo cartas com suas próprias mãos. Mas o homem que estava escrevendo a carta, João Wesley, quebrou quase todas as regras da predição humana. Durante cinquenta anos, ele havia demonstrado a praticabilidade da ação contínua. Agora, a ação estava diminuindo. No dia anterior, ele pregou o último de mais de quarenta mil sermões. Seis dias depois, em 2 de março de 1791, ele estava para morrer. Entretanto, havia uma batalha a efetuar.

Ele escrevia a William Wilberforce, que comandava heroicamente o que parecia uma desesperançada batalha contra o tráfico de escravos e contra a própria escravidão. Esta última carta que Wesley escreveu simboliza vivamente a fé religiosa resultante em ação pelos direitos e bem-estar humanos. Aqui está grande parte da carta:

“Meu caro senhor: A não ser que o poder divino o tenha levantado para ser um Athanasius contra *mundum*, não posso ver como poderá o senhor terminar sua gloriosa empresa, opondo-se àquela execrável vilania, que é o escândalo da religião, da Inglaterra, e da natureza humana. A não ser que Deus o tenha verdadeiramente levantado para esta obra, o senhor será consumido pela oposição dos homens e dos demônios, mas, se Deus for pelo senhor, quem lhe será contra? São eles todos juntos mais fortes que Deus? Oh! Não se canse de fazer o bem. Continue, em nome de Deus, e com a força de seu poder, até que a escravidão americana, a mais vil que já houve sob o sol, desapareça diante desse poder. O servo que o estima, João Wesley”.

É quase impossível para qualquer um, nesta época, em que a escravidão humana é apenas um fato histórico nos chamados países civilizados, perceber a mortífera influência estranguladora que o tráfico de escravos tinha sobre o império britânico e seu comércio. Era como um vasto, repulsivo polvo, lançando-se com

tentáculos fortes e viscosos, uma espécie de roubo de gente, assassínio e crueldade bem organizados. Prendia os grandes financistas da Grã-Bretanha. Aqui está a maneira pela qual Wesley expressou a sensível consciência cristã a respeito da escravatura, em seus *“Pensamentos sobre a Escravatura”*, publicados em 1774: “Metade da riqueza da Liverpool é derivada da execrável soma de todas as vilanias comumente denominadas comércio de escravos. Desejaria por Deus que o comércio de escravos nunca mais fosse estabelecido. Que nunca mais roubemos e vendamos nossos irmãos como animais, nunca mais os assassinemos aos milhares e dezenas de milhares.”

Aquela oposição ao comércio de escravos era, num verdadeiro sentido, a tradução de grandes hinos como “Amor Divino, que a todos excede” em vigorosa e redentora ação pelos filhos de Deus. A batalha foi ganha a favor da abolição da escravatura pelo Parlamento, em 1807.

A fé deve sempre ter seus esforços em ação unida contra qualquer mal que nega o amor de Deus por todos os homens.

## **A BÍBLIA EXPLODE**

Há poucos anos, um ministro achou que seu pequeno exemplar Novo Testamento, que ele muito estimava como a um tesouro, precisava ser encadernado novamente. Assim, mandou-o a um encadernador. Este, ao terminar o trabalho, verificou haver pouco espaço ao longo do dorso do livro para imprimir em letras áureas as palavras em inglês: “The New Testament”. Então, colocou apenas as três iniciais daquele título, “T.N.T.” Isto foi divinamente inspirado porque a Bíblia tem sido, é e, pela graça de Deus, sempre será “T.N.T.”, uma substância muito explosiva.

Quando as verdades sustentadas pelo Novo Testamento detonaram contra as crueldades de Roma nas lutas dos gladiadores, contra o morticínio de crianças, principalmente meninas, contra outros males sociais, ele explodiu por todo o mundo mediterrâneo.

No primeiro reavivamento metodista, a Bíblia foi redescoberta na vida do povo. Enviou homens e mulheres à sociedade, para trabalhar pelo bem-estar do povo. João Wesley havia dito: “o e-

vangelho de Cristo não conhece outra religião senão a social; nenhuma santidade senão santidade social”. Isto simplesmente quer dizer que ele viu que a experiência da conversão deve transformar-se em ação cristã. Por exemplo, havia os cárceres. João Wesley, que pregou centenas de vezes na Prisão de Newgate, disse dela: “de todos os lugares da miséria, poucos, suponho, excedem, na Inglaterra, a Newgate, este lado do Inferno”.

João Howard, que lutou durante toda a vida para melhorar a hedionda prisão inglesa, obteve inspiração no reavivamento metodista. O movimento lançou-se na vida da nação sob a forma de dispensários médicos, escolas para crianças pobres, fundos de empréstimos, visitação de enfermos. Era uma parte integral das sociedades.

Aqui está o melhor de tudo: a contribuição social do Metodismo não se apóia em sua política ou economia, mas em sua religião. Por este motivo, a contribuição foi profunda e duradoura, em vez de meramente efêmera. Apoiava-se em sua mensagem e experiência religiosas, na nova concepção do valor humano de todos os filhos de Deus, no amalgamento de novos recursos para a vida, na democracia última inerente ao cristianismo do Novo Testamento.

Aqui estava a sementeira do progresso social. E toda delineada na declaração do *Diário* de Wesley, que havia pregado mais de 100 vezes sobre o texto: “Se alguém está em Cristo, nova criatura é.” Foi em “novas criaturas” que a contribuição fundamental social do Metodismo foi feita.

## **FEBRE MARÍTIMA**

O Metodismo sofreu um agudo ataque de “febre marítima” em sua mocidade, e nunca mais sarou. Tomou com firmeza a herança apostólica. A Igreja Cristã nasceu com um mapa mundial nas mãos. Sua grande comissão foi: “Ide por todo o mundo”. Conheceu a atração dos horizontes distantes. São Paulo sonhou com alcançar o fim do mundo conhecido, “os portões de Hércules”, agora chamados Gibraltar, quando escreveu: “em qualquer tempo irei à Espanha”.

O Metodismo teve em breve uma visão de horizonte além das estradas e cidades da Inglaterra.

A melhor descrição da “febre marítima” está no mui conhecido poema de John Masefield:

“Devo descer aos mares outra vez, ao solitário mar e céu,  
e tudo que peço é um grande navio e uma estrela para dirigi-lo,  
o leme, a canção dos ventos, e as brancas velas tremulantes,  
um nevoeiro cinzento na face do mar, e um pôr-do-sol cinzento.  
Devo descer aos mares outra vez, porque o chamado da maré enchente  
é um chamado bravio, claro, um chamado que não pode ser negado.  
E tudo que peço é um dia venturoso, com brancas nuvens flutuando,  
as espumas arremessadas, assopradas, e as gaivotas gritando”.

O “chamado da maré enchente” é sentido nas palavras de Wesley “o mundo é minha paróquia”. Aquela “visão longínqua” não era somente uma herança da idade apostólica mas também uma herança recebida de sua mãe, Susana. Quando João Wesley anunciou sua intenção de ir à Geórgia, ela disse: “tivesse eu 20 filhos, e me regozijaria vê-los empenhados em tal obra, ainda que nunca mais os visse”. Isto é a matéria prima de que são feitos os missionários.

A hora em que as sociedades metodistas se aventuraram a transpor o oceano Atlântico foi a grande hora. Não obteve qualquer grande atenção pública naquele tempo. A Conferência Metodista de Leeds, em 1769, foi uma pequena reunião. Havia somente 111 pregadores metodistas nesse tempo, e não estavam todos presentes. Quando o apóstolo Paulo fez sua primeira viagem que levou o evangelho de Cristo de um continente a outro, quando navegou de Trôade, na Asia Menor, à Macedônia, na Europa, não

havia registro de notícias que abalassem o mundo greco-romano. No entanto, foi um grande dia para a Europa.

Assim, também, em Leeds foi um grande dia. João Wesley, então com 69 anos de idade, anunciou: “Temos um apelo urgente de nossos irmãos de Nova York, que construíram uma casa de oração, pedindo gente para ajudá-los. Quem deseja ir?”

Um momento de tensão seguiu-se e, depois, dois jovens pregadores, Ricardo Boardman e José Pilmoor, responderam com as palavras de Isaías: “Eis-me aqui. Envia-me a mim”. Em duas semanas estavam no mar rumo às colônias da América.

Aqueles jovens não se pareciam muito com os famosos “lobos do mar” da história inglesa, que vagaram pelos oceanos, Drake e o Capitão Cook e Walter Raleigh. Entretanto, havia um paralelo. O apelo do mar estava no sangue dos missionários metodistas, que levaram o melhor de um mundo velho para um mundo novo. Somente 44 anos depois, um símbolo do apelo do horizonte distante foi maravilhosamente dado, quando o Dr. Thomas Coke, um homem de grande projeção em ambos os continentes, foi sepultado no mar, quando a caminho do serviço missionário na Índia.

Em suas grandes ocasiões, a Igreja Cristã tem sempre dito: “devo descer ao mar outra vez”. Foi assim no começo do Metodismo. Ele disse, nas palavras de Masefield: “tudo que peço é um grande navio e uma estrela para dirigi-lo” – a estrela de Belém. A Igreja de Cristo defronta-se com um outro grande momento, quando se percebe que não há sete mares, mas um só; não muitos mundos, mas um só.

A Igreja deve atender ao apelo das águas azuis.

## **A IGREJINHA E OS ARRANHA-CÉUS**

Nem todo visitante a Nova York, que sai para “ver a cidade”, caminha pela Rua João, um pequeno beco no coração do distrito financeiro. Mas, qualquer pessoa que não a nota, perde um estímulo à imaginação, porque naquela rua estava localizada a primeira capela metodista de Nova York e um dos primeiros pontos

de pregação da América. Naquele mesmo lugar está hoje a igreja da Rua João, ainda aberta, depois de mais de 200 anos de contínua operação.

Coloque-se defronte da Igreja e levante a cabeça para olhar os altos arranha-céus. Isto pode dar-lhe dor no pescoço mas valerá a pena, porque a localização desse primeiro ponto de pregação está agora no verdadeiro centro da maior concentração de poder econômico e financeiro que o mundo já viu. Esse retrato apresenta em forma dramática dois tipos de poder no mundo moderno: poder espiritual e poder econômico, a igreja e o arranha-céu. Lá, forjada em aço, pedra e tijolo, está forjada a questão dominante de nossa era: empanará o arranha-céu a igreja lá embaixo, ou desenvolve a igreja poder espiritual suficiente para dirigir as forças representadas pelo arranha-céu para os grandes fins, como o bem-estar e serviços humanos?

O pequeno grupo que se reuniu para construir a primeira capela na Rua João fez história romântica. A empresa como a parábola do grão de mostarda na colônia americana. Pequenos começos – um grupo de cinco ou seis famílias de Limerick na Irlanda, dos quais era líder Filipe Embury, pregador metodista local, com sua esposa. A história de Embury, despertado de sua indiferença religiosa por sua entusiasmada prima, Bárbara Heck, é uma história freqüentemente repetida. O grupo crescia em número e espiritualidade. Logo, era necessária uma sala para os serviços, e assim foi alugado um pavimento sobre a loja de um homem que fazia velas de barcos, na Rua William.

O grupo aí reunido ficou desconcertado um dia com o súbito aparecimento de um oficial do exército inglês, com um uniforme completo, garboso, incluindo a espada. Era uma figura admirável, um tanto aterrorizadora, por causa de um tampão que lhe cobria um olho. Talvez ele tivesse vindo para ordenar: “Dispersem-se em nome do rei!” Entretanto, logo parecia que sua maior lealdade era devida a outro Rei: Jesus. Ele era o capitão Thomas Webb, um dos convertidos de Wesley, a quem Wesley chamava “um homem de fogo”. O “fogo” queimou vigorosamente, porque o capitão Webb era uma torre de força na sociedade, tanto espiritualmente,

por sua pregação, como também financeiramente, por suas ofertas e liderança.

Um terreno na Rua João foi comprado em 1770, e uma capela de pedra erigida, construída com pedra de lastro, e cal azul, tendo vinte por treze metros.

Um dos documentos valiosos do Metodismo norte-americano é uma carta dirigida a Wesley por um leigo, Tomás Taylor, com data de 11 de abril de 1768, apelando por ajuda na construção da primeira capela. Conclui com um ato de fé, dizendo que se obtiverem líderes e ajuda, “não duvido, pela bondade de Deus, que tal flama seria acesa e nunca se apagaria, até alcançar o grande mar do Sul”.

PS. - A flama foi acesa e alcançou o “grande mar do Sul”.

## **UMA HISTÓRIA DA RUA AMÁVEL**

Um dia, em 1787, um rapaz de dezessete anos, sedento de aventuras, saiu de casa em Lincolnshire, na Inglaterra, e navegou, como marujo, para a América. O pequeno navio, finalmente, chegou a Baltimore, naqueles dias um importante porto do Atlântico. A “chegada à praia” era para o menino uma experiência de há muito esperada. Passou o dia na tradicional maneira de muitos marinheiros num porto estranho e voltava para o navio levemente embriagado. Viu as luzes de um pequeno edifício perto do porto e entrou “para ver se alguma coisa estava acontecendo”. Ele viu que realmente alguma coisa estava acontecendo. Era uma reunião metodista na capela da Rua Amável (*Lovely Lane Chapel*).

Algo aconteceu àquele rapaz naquela noite e ele sempre sentiu durante o resto de sua vida que a melhor palavra para exprimir isso era que ele estava convertido. De qualquer forma, o que quer que haja acontecido – surgiu e durou por sessenta anos. O rapaz não voltou para o navio mas ficou em Maryland e tornou-se um pregador local. Seu filho tornou-se um itinerante metodista e cuidou de um circuito em Ohio. O filho deste homem, por sua vez, tornou-se também um pregador e cuidou de um grande circuito no longínquo Oeste. O bisneto do jovem convertido na Rua Amável também se tornou pregador metodista, embora nunca



cavalgasse um cavalo para a “reunião”. Depois veio o filho da quinta geração, também um pregador, que sempre dizia que tinha um complexo constitucional de inferioridade sempre que era apresentado a um cavalo; Fazia seu circuito pelas cidades de automóvel.

Uma história amável e verdadeira, a da Rua Amável! Cinco gerações de pregadores em linha direta – um ministério de mais de 150 anos! E tudo porque, numa noite, em uma pequena capela, Deus estendeu sua mão e tocou um marinheirinho aventureiro. Pelo correr dos séculos, haverá uma forte correnteza ascendente na vida do mundo por causa do que aconteceu numa pequena capela perto de um porto em Baltimore.

Multiplique essa história por dez mil, diferentes em detalhes mas a mesma em essência, e você terá uma idéia do fruto das sociedades metodistas quando elas se espalharam pelo Sul dos Estados Unidos.

De um modo real, a capela da Rua Amável, em Baltimore, e o rápido crescimento do Metodismo em Maryland, foram o fruto da devoção de um rude imigrante metodista da Irlanda, Robert Strawbridge. Era um convertido de um dos primeiros pregadores de Wesley e não deixou cair no Oceano Atlântico a sua religião, quando o atravessou, como muitos o fizeram, mas levou-a consigo. Estabeleceu-se na enseada de Sam, no condado de Frederica, em Maryland, abriu sua casa para as reuniões metodistas e depois erigiu uma casa de madeira para as reuniões.

Ele era praticamente influente em atrair ao ministério os primeiros pregadores nativos norte-americanos, incluindo-se alguns dentre os mais poderosos como Freeborn Garretson e William Watters. Baltimore foi praticamente a “capital” metodista por muitos anos. Em 1780, a Capela da Rua Amável foi construída e a Conferência na qual a Igreja Metodista americana se organizou foi realizada lá, em 1784.

Um nome delicado e bonito – “Rua Amável”. Representa uma realidade ainda mais poderosa. Ela representa a alta tarefa da Igreja hoje: construir uma rua amável ao redor do mundo, em

Calcutá e Fuchow, em São Paulo e no Rio de Janeiro, em Singapura e em toda a terra.

## “ ENCARNE-A EM UMA PESSOA ”

No dia 4 de setembro de 1771, no porto de Bristol, na Inglaterra, um navio estava pronto para levantar ferros e partir para longa viagem à América. As últimas bagagens estavam sendo carregadas; os últimos passageiros preparavam-se para subir a bordo. Entre os passageiros, estavam dois jovens: Francis Asbury e Richard Wright. Asbury tinha 26 anos de idade. Algumas semanas antes, na Conferência Metodista de Bristol, João Wesley havia pedido voluntários para o trabalho na América; aqueles homens haviam se apresentado voluntariamente e foram aceitos. Um leve embaraço havia ocorrido na ocasião do embarque de Asbury. Ele chegou apressadamente ao navio e não tinha um centavo! Alguns amigos que se juntaram para ver a partida fizeram uma coleta – deram a Asbury dez libras e algumas roupas. Nem um centavo com que começar.

Quarenta e cinco anos depois, a 3 de março de 1816, um senhor idoso foi descido do cavalo e levado a uma pequena casa, não maior que uma cabine, pertencente a um amigo, a algumas milhas de Fredericksburg, na Virgínia. Era Francis Asbury. Seis dias antes ele havia pregado seu último sermão em Richmond, na Virgínia, sentado em uma cadeira ao lado de uma mesa. Não estava em condições de viajar, mas insistiu em ir a Baltimore onde em breve se reuniria com a conferência. Acabaram-se suas forças e ele morreu sentado em uma cadeira, reclinado num jovem pregador que viajara com ele. “O profeta da longa estrada” havia chegado ao fim da estrada. E deixou a América como havia começado: sem um centavo! Por 30 anos, ele havia trabalhado como poucos homens o têm feito, com um pequeno salário por ano. Seu legado principal foram um alforge de couro, alguns livros e roupas.

Entre o embarque “sem-vintém” e o fim “sem-vintém” achase quase meio século de ardor e sofrimentos, que deixou uma influência permanente nos Estados Unidos.

Uma palavra recentemente escrita pelo Dr. J. Robert Oppenheimer, o cientista atômico, provavelmente se tornará parte permanente da sabedoria humana. Pleiteando fundos para intercâmbio de estudantes de diferentes países, ele escreveu: “A melhor maneira de transmitir uma idéia é encarná-la em uma pessoa”. Isto, naturalmente, foi o que Deus fez na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo. “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós”. Francis Asbury foi o espírito e a palavra do Metodismo encarnados numa pessoa.

O registro de seu trabalho é como o de dez homens. Ultrapassou o próprio João Wesley, viajando em 45 anos, somente a cavalo ou andando, mais de 470.000 quilômetros, a maior parte por caminhos desertos. Atravessou as Montanhas Alegânis mais de sessenta vezes. Pelo seu diário deduziu-se que pregou mais de 16.000 sermões. Quando Asbury desembarcou na América, em 1771, havia somente seis pregadores metodistas em todas as treze colônias e somente 600 membros. Quando de sua morte, havia 700 pregadores e mais de 200.000 membros no rol.

Ele teve a maior parte na criação de uma Igreja Metodista Americana, independente da Inglaterra. Sua espantosa capacidade prática, seu gênio de organização, sua consumidora devoção à extensão do evangelho, sua coragem e energia infindáveis – tudo contribuiu para essa realização. Sua insistência na itinerância manteve a Igreja apta a mover-se rapidamente e eficientemente no novo continente que se abria. A inscrição na base da nobre estátua de Asbury, em Washington, montado num cavalo cansadíssimo, diz apenas parte da verdade sobre o homem: “Se você quiser ver os resultados de seus trabalhos, você os encontrará em nossa civilização cristã.”

## **ACONTECEU NO NATAL**

A Igreja Metodista tem uma história de Natal, porque nasceu, como Igreja autônoma na América, por ocasião do Natal.

Os pregadores metodistas cavalgavam em direção a Baltimore. Uma conferência havia sido marcada para considerar o futuro do movimento metodista. Era urgente e, pela completa ausência do telégrafo, telefone ou rádio, o único meio de reunir os

pregadores era enviar um mensageiro. Assim, Freeborn Garrettson foi chamado a montar a cavalo e partir. Empreendeu a caminhada para chamar os pregadores de Virgínia até Nova Inglaterra. (Jesse Lee reclamou que Garrettson teria andado mais depressa se não houvesse parado para pregar, pelo caminho!).

Era grandemente necessária esta conferência. O futuro do Metodismo norte-americano estava em perigo. A guerra da independência havia sido ganha e os laços com a Inglaterra partidos. O Metodismo não poderia por mais tempo continuar como um posto avançado de uma organização britânica. Nem poderiam, por isso, os pregadores e o povo norte-americano saborear a ditadura de João Wesley, reverenciado e amado como era. Em adição, havia a grande tarefa pela frente, a investida para o Oeste e para o Sul, através das montanhas e planícies. Uma organização poderosa, fortemente unida, era necessária.

A conferência foi marcada para a época do Natal, em 24 de dezembro de 1784. A data mostra claramente que o Natal não foi observado como dia de festa. Os pregadores vieram de todas as direções (os representantes leigos ainda estavam bem longe, no futuro). Muitos deles pareciam moços, como, na verdade alguns eram. Pensamos neles como “os pais da Igreja” mas a idade média desses pais era de cerca de vinte anos! 63 dos 83 pregadores estavam presentes. O número total dos membros das sociedades era quinze mil. O Dr. Thomas Coke presidiu e Asbury anotou em seu diário que “muito trabalho foi feito em pouco tempo”. Foi votada a formação da Igreja Metodista Episcopal. Coke e Asbury já haviam sido designados antes por Wesley como bispos. Mas, Asbury, acertadamente, recusou aceitar o cargo, sem ser eleito por seus irmãos, o que foi feito alegremente. Um fino toque de democracia em um homem essencialmente autocrático como era Asbury. Depois, Asbury foi ordenado diácono num dia, presbítero no dia seguinte e, no terceiro, eleito e consagrado bispo. Nenhum ministro da Igreja Metodista, desde aquele dia, “subiu” tão rapidamente.

Um dos mais expressivos fatos acerca da Conferência foi a rapidez com que se dispersou. As nomeações foram feitas e, após a oração final, só faltou que alguns homens pulassem as janelas

da capela para partirem em seus cavalos. O trabalho do Rei requeria pressa e obteve-a. No dia seguinte ao da conferência, Asbury cavalgou 84 quilômetros, pela geada e neve, até Fairfax, na Virgínia. O bispo Coke iniciou uma jornada de seis meses para pregação, no Sul.

## “AI DE MIM SE NÃO PREGAR O EVANGELHO”

As dinâmicas linhas poéticas de F.W.H. Myers, em seu poema “São Paulo”, em que descreve a ânsia de Paulo para pregar o evangelho, fazem uma magnífica e verdadeira descrição da mente e do espírito da grande maioria dos cavaleiros itinerantes do primitivo Metodismo norte-americano.

“Muitas vezes quando a palavra está em mim para entregar-la,  
ergue-se a ilusão e a verdade se descobre.  
.....

Somente as almas do povo eu vejo  
presas, as que deveriam ser conquistadoras; escravas  
as que deveriam ser dominadoras.  
.....

Depois, com ímpeto, a intolerável súplica  
sacode-me completamente como o toque de um clarim –  
Oh! Salvá-los! Perecer para salvá-los;  
morrer por suas vidas, ser oferecido por todos eles”.

Uma grande palavra – sacudir! Descreve a paixão pela pregação do evangelho salvador que se apoderou daqueles arautos da cruz. “Uma sacudida” é melhor que a indiferença ou uma rigidez cadavérica.

Aqui está uma ilustração do senso da urgência que se apoderou de centenas. É a memória escrita de Henrique Smart, um dos primitivos pregadores de Kentucky. “O bispo Asbury pediu voluntários para ir a Kentucky, e fixou os olhos em mim como um deles. Eu disse: ‘Eis-me aqui; envia-me’. Fui ordenado em um quarto particular e, poucas horas após minha ordenação, João Wilson e eu estávamos a cavalo a caminho de Kentucky.” Isso foi

em 1795. Foi somente vinte e seis anos antes, em 1769, o ano em que os primeiros metodistas desembarcaram na América, que Daniel Boone fez sua primeira jornada sobre as montanhas da Carolina do Norte e Kentucky. O pregador itinerante estava apenas dois pulos atrás do grande pioneiro.

Thomas Coke indicou as condições da estrada: “Frequentemente cavalgávamos vinte ou vinte e cinco quilômetros sem ver uma casa, ou criatura humana, senão nós mesmos, e, muitas vezes, éramos obrigados a atravessar rios profundos e muito perigosos”. Havia uma disciplina e mobilidade entre os itinerantes que ultrapassaram as forças militares. O impulso veio de dentro. O sistema de itinerância – com os pregadores mudando-se de lugar para lugar, em vez de estabelecer-se em um lugar fixo – foi muito importante na colonização. Os pregadores eram, na maioria dos casos, solteiros e poderiam embrulhar os seus pertences em cinco minutos! Certamente nenhum grupo de discípulos jamais seguiu mais literalmente as palavras de Jesus a seus discípulos: “não tomeis ouro, nem prata, nem cobre em vossas bolsas, nem alforge para vossa viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão”. Essas determinações foram seguidas com exatidão, exceto em um particular: o itinerante carregava consigo um alforge – o alforge da sela!

Aqueles pregadores não iam a igrejas estabelecidas, mas partiam, muitas vezes, como Abraão, não sabendo para onde iam. Não havia casas pastorais. Mais que isso, não havia igrejas. Assunto de menor importância. Havia gente a socorrer, almas a salvar. Assim, seu voto poderia ter sido uma frase corrente: “Que estamos esperando?” Havia a grande comissão “Ide”, traduzida para sua situação nas palavras de Wesley a George Sadford: “Solto-o, George, no grande continente da América. Publique sua mensagem abertamente e pratique todo o bem que você puder”.

## **O ALTO CUSTO DA ITINERÂNCIA**

Quando os rigores da itinerância, nos primeiros tempos em que a Igreja se movia sobre o continente, são trazidos à mente e imaginação, pergunta-se mui frequentemente: “Como resistiram a isso?” A resposta é: “Não resistiram; morriam por causa disso”.

Nenhum grupo de homens jamais viveu de maneira mais completa a verdade: “O que perder a sua vida, salvá-la-á”.

Muitos deles morreram pouco depois que suas carreiras haviam começado. Dos 650 pregadores que se uniram à itinerância metodista, no início do século XIX, cerca de quinhentos tiveram que “jubilar-se”, termo que denominava aqueles já demasiado cansados para continuar viajando. Muitos dentre os demais tinham que tomar períodos de recuperação. Outros “jubilavam-se” não por falta de saúde, mas por falta de sustento, e o desejo de casar-se e estabelecer um lar. Dos primeiros 737 membros da conferência que morreram, isto é, todos que morreram até 1847, 203 tinham entre 20 e 30 anos de idade, e 121 entre 35 e 45. Cerca da metade morreu antes de atingir trinta anos de idade. Dos 672 primeiros pregadores cujos registros completos temos à mão, dois terços morreram antes de haverem podido realizar doze anos de serviço. Dentro dos primeiros cinco anos, morreram 199. E verdade que alguns pareciam construídos para viver até uma vigorosa idade avançada, de acordo com o tipo de vida exigido aos primeiros pregadores metodistas. Mas a maioria se consumiu por Deus em poucos anos. Quando lemos sobre a maneira pela qual aqueles homens dispuseram da própria vida, maravilharmo-nos e perguntamos se isso teve qualquer relação com os magníficos resultados que alcançaram.

A recompensa de tal ministério foi estabelecida por escrito, de modo terrível, por Francis Asbury, quando disse de Jesse Lee, com um tom especial de humor: “Vou recrutar o irmão Lee. Qual o prêmio? Graça aqui e glória depois, lhe serão dadas, se for fiel”.

Atenderam a um trabalho, o mais cruel que já desafiou os homens bravos. Longas jornadas através da chuva e neve, noites ao relento, os riscos de doenças e privações – tudo isso era parte do trabalho diário. Peter Cartwright nos dá este quadro de outros perigos das rudes fronteiras: “Diversas vezes os pregadores do Oeste precisavam armar-se, ao atravessar montanhas em direção ao Leste, e proteger o bispo Asbury através do deserto, que estava infestado de selvagens, com risco iminente de suas vidas.”

O mais belo poema escrito sobre viajar a cavalo: “como trouxeram as boas novas de Ghent para Aix”, apanha vivamente o impulso e motivo e velocidade do itinerante:

“Pulo no estribo, com ele e Joris;  
Galopei, Dirck galopou, galopamos os três.  
Boa corrida! Gritou a sentinela ao abrir os ferrolhos;  
Corrida! ecoou o muro quando galopávamos  
À retaguarda fecha-se o portão, apagam-se as luzes,  
E dentro da noite galopamos lado a lado.

Aqueles cavaleiros do evangelho também trouxeram Boas Novas, não de Ghent para Aix, mas do coração de Deus a seus filhos.

## **A GRANDE PARADA**

Um homem entrou numa loja de miudezas há pouco tempo e perguntou à balconista se havia compassos(\*). “Sim”, replicou ela alegremente, “temos compassos para desenhar círculos, mas não para ir a lugares”.

Os metodistas, tanto quanto outras Igrejas, quando a visão do continente aberto se desenrolou diante de seus olhos, tinham compassos “para ir a lugares”, e eles foram. Caminharam na vanguarda da Grande Parada através do continente, a imigração em direção ao Oeste, uma das mais longas e maiores paradas que já marcharam, em toda a história da humanidade. Em muitos sentidos, era o livro de Êxodo, representado em grande escala. Em rapidez de movimento, em território percorrido, a permanência de resultados, aquele impulso em direção ao Oeste da fronteira americana através das montanhas Apalaches, além dos Grandes Lagos, ao Sul e no Pacífico, nunca foi igualado. Deu forma aos destinos do continente e afetou profundamente a história do mundo .

---

\* Em inglês, a palavra *compass* serve para indicar tanto bússola como compasso, daí a explicação da balconista.



Um grande geógrafo descreveu “o pulso da Ásia”, as sucessivas ondas de migração para o Oeste, partindo da Ásia Central, como esguichos que partiam de um coração ativo. As imigrações dos tártaros e eslavos, o assalto dos hunos sob o comando de Atila, tudo foi parte disso. A migração para o Oeste, na América do Norte, foi apenas uma continuação. A Igreja Cristã tem uma história paralela que poderia ser chamada “o pulso da Judéia”, aqueles sucessivos esguichos do movimento em direção ao oeste que têm continuado desde a manhã da ressurreição. A história do Metodismo, por setenta anos, de 1790 a 1860, mais ou menos, é uma parte vital daquela grande parada. No meio desta civilização andarilha, surge o pregador metodista, em circuitos de distâncias incríveis, exceto em regiões mais densas. Por exemplo, em 1791, Freeborn Garreson foi enviado a um “circuito” que incluía quase metade do que agora é o estado de Nova Iorque. O pregador era enviado a um estado inteiro como seu campo, e ele ia.

Em 1806, João Travis foi indicado para a “Louisiana Superior”. Isso significava o que agora está dividido em oito ou dez Estados. Uma paróquia! E naturalmente todos aqueles homens assim nomeados tinham que “viver da terra”. O primeiro pregador metodista a pregar em Illinois apareceu em 1804 e depois, durante doze anos, “Illinois” era uma paróquia! Aquele pregador poderia ter pregado sobre o texto: “Estabeleceste meus pés em um grande espaço”.

Muitos circuitos tinham de quinhentos a mil quilômetros de comprimento. Em 1814, James B. Finley, do circuito Cross Creek, em Ohio, tinha um circuito que cobria mais de dois condados, e pregava trinta e duas vezes em cada viagem.

O programa de salários tinha uma eloqüência própria, O dinheiro era quase desconhecido. Em 1821, Benjamim T Crouch recorda haver recebido apenas trinta e oito dólares como salário do ano. No mesmo ano, Peter Cartwright recebeu o mais alto salário da Conferência de Kentucky — duzentos e trinta e oito dólares. Mas, quando ele se mudou, com a esposa e seis filhos, para o circuito de Singamon, no Illinois, recebeu quarenta dólares ao todo, para o ano. Não devemos pensar neste movimento principal-

mente em termos de itinerantes. É a história do povo. E a Igreja é a história do povo –

“Um nobre exército, homens e meninos,  
a patroa e a empregada”.

## **ACAMPAMENTOS RELIGIOSOS**

A reunião em acampamentos ao ar livre era tão americana como o milho ou a batata doce. É difícil para nós hoje, agora que aquelas reuniões ao ar livre passaram para a história como uma das maiores características da vida religiosa do país, perceber o grande lugar que ocuparam na vida da fronteira e na vida religiosa do povo, e na extensão das igrejas. Começando mais ou menos em 1790, a reunião em acampamentos ao ar livre atingiu o ponto máximo entre 1800 e 1810, mas continuou durante muito tempo depois. Era uma reunião de grande número de pessoas, vindas de uma larga área, havendo muitas reuniões de pregação pela manhã, à tarde e à noite.

Defrontava-se com muitas e variadas necessidades, tais como a solidão e isolamento da vida fronteira, emoções profundas, falta de meios de expressão religiosa e, sobre tudo isso, uma grande ansiedade por cultos e experiências religiosas.

Venha ao maior acampamento ao ar livre e veja com os olhos de um espectador, o jovem Peter Cartwright. A reunião que ele descreve é importante, em Cane Ridge, no Condado de Bourbon, em Kentucky. Começou em 1801, por iniciativa de presbiterianos, mas outras denominações tomavam parte, principalmente batistas e metodistas. Como em todos os acampamentos ao ar livre, as pessoas vinham com suas famílias, trazendo consigo o alimento, prontas para ficar diversos dias.

Veja-o com Peter Cartwright:

“A reunião foi prolongada por semanas; ministros de todas as denominações congregavam-se, oriundos de perto e de longe. A reunião era mantida dia e noite. Milhares ouviam sobre o extraordinário trabalho e vinham a pé, a cavalo e em carruagens e carroções. Calcula-se que, em certos momentos, a freqüência foi de doze a vinte e cin-

co mil pessoas. Centenas caíam prostradas, diante do extraordinário poder de Deus, como homens mortos em batalha. Plataformas eram erguidas nos matos, das quais pregadores de diferentes Igrejas proclamavam o arrependimento para Deus, e fé em nosso Senhor Jesus Cristo, e calcula-se, por testemunhas oculares, que entre uma e duas mil almas foram feliz e poderosamente convertidas a Deus durante a reunião. Não era incomum um, dois, três, quatro ou sete pregadores estarem-se dirigindo ao imenso auditório, ao mesmo tempo, de diferentes plataformas erigidas para esse fim. O fogo celestial espalhou-se quase por todas as direções. Foi dito por testemunhas verdadeiras que mais de mil pessoas elevaram altos gritos, todos ao mesmo tempo, e que os gritos poderiam ser ouvidos a quilômetros de distância”.

Era inevitável que houvesse excessos emocionais, mas eles não eram estimulados, e o bem permanente excedia de muito a qualquer mal. O acampamento ao ar livre foi um grande fator na expansão da Igreja na fronteira que avançava.

Em 1818, houve quatrocentos “Acampamentos ao ar livre”, pequenos e grandes, por iniciativa dos metodistas; eram realizados anualmente.

Temos certeza de que “onde dois ou três estão reunidos em meu nome, lá estou no meio deles”. A reunião em acampamento demonstrou que é verdade, também, que onde cinco mil ou dez mil estão reunidos no nome de Cristo, lá estará seu Espírito no meio deles.

## **“VAI EM DIREÇÃO AO SUL”**

Provavelmente, você não reconheceu as palavras acima como uma direta transcrição do livro de Atos. É parte do registro de um dos primeiros capítulos do alcance missionário cristão. Aqui estão as palavras em Atos 8.26-27: “Mas, um anjo do Senhor disse a Filipe: levanta-te e vai em direção ao Sul, para a estrada que desce de Jerusalém para Gaza. Este caminho é deserto. Ele levantou-se e partiu”.

O metodismo, muito cedo em seu trabalho na América, ouviu aquelas palavras: “Vai m direção ao Sul”. E como Filipe, o evangelista, o metodismo “levantou e partiu”.

A parte predominante em número e em força do Metodismo, por muitos anos, foi o sul da Pensilvânia e Delaware. Em 1777, dos 6.968 membros das sociedades metodistas, 4.379 estavam em Virgínia e Carolina do Norte. Em 1798, um quinto do número total de membros das igrejas estava na Virgínia.

O grande despertar na Virgínia, em 1787, contribuiu largamente para este resultado. Quando a Igreja Metodista Episcopal foi formada, em 1784, quatro quintos de seus membros estavam ao sul da linha que cortava o oeste de Delaware, a qual veio a ser chamada “linha de Mason e Dixon”. Esta proporção foi mantida por diversos anos, até que a abertura do Oeste trouxe um aumento proporcional ao rol de membros no norte de Maryland, Virgínia e Kentucky.

Eles foram logo em direção ao Sul. Quando Thomas Coke desembarcou no país como representante de Wesley, Asbury dificilmente o deixou tomar fôlego antes de montá-lo num cavalo e enviá-lo em uma viagem evangelística de 1.600 quilômetros através da Virgínia e Maryland. Um verdadeiro “trabalho” para o garboso e delicado doutorzinho em Lei Civil, da Universidade de Oxford! Mas Coke podia fazê-lo!

O primeiro circuito do Norte da Carolina foi formado em 1777. O de Carolina do Sul foi formado logo depois. Em 1811, a Conferência da Carolina do Sul tinha 85 membros, e um número total de membros superior a 31.000, um aumento líquido de quase seis mil pessoas em dois anos.

O primeiro circuito na Geórgia foi estabelecido em 1785. O impulso em direção ao Oeste é dramatizado na corajosa exploração realizada pelo frágil Tobias Gibson, que partiu para o “país dos Natchez”, no Mississípi, sem qualquer nomeação pela conferência, viajando mil quilômetros a cavalo para o Rio Cumberland, onde tomou um barco a remo e desceu de Ohio para Mississípi e depois, por barco ainda, desceu a Natchez. Quatro vezes fez essa

viagem, mil quilômetros por terra através de desertos, pedindo missionários.

Tudo isso ele fez antes de morrer, com a idade de vinte e oito anos!

Uma notável figura do método daqueles viajores evangelizantes é encontrada em uma observação feita por um homem na Geórgia, anos atrás. Um viajante do Norte estava lhe dizendo sobre o desejo que tinha de começar lá em baixo na Geórgia, em fevereiro, e ir para o Norte com a primavera, caminhando para o Norte junto com a primavera, de maneira que tinha contínuo desabrochar de flores desde a Geórgia até o Canadá, durante quatro meses. O homem a quem ele estava falando disse: “Pois isso é justamente o que os cavaleiros itinerantes costumavam fazer! Quando terminava o inverno, e as estradas estavam desimpedidos, então, a primavera e o pregador vinham juntos”. Isso é pura poesia. Através de todos os Estados sulinos, a primavera e o pregador vinham juntos, trazendo nova vida a toda a comunidade.

## **FORA DO OESTE**

Há uns versos que expressam vivamente um sentimento comum, pouco antes do levantamento da cortina de um drama:

“Amo coisas preliminares,  
As flautas e cordas afinadas;  
As pequenas volutas que os músicos tocam,  
As variadas notas cuja delícia sentimos;  
O silêncio, o sussurro com que morre,  
Mas, tudo para ver a cortina subir”.

A cortina ergue-se para um grande drama: o dia da expansão dos Estados Unidos no vasto território do oeste das Montanhas Apalaches. Naquele momentoso drama, o pregador e as igrejas que ele trouxe à vida têm uma parte preponderante. Em termos de uma atividade maior desta região, o itinerante era o lavrador de Deus, lavrando o evangelho na vida da nação que se expandia.

A vida inquieta, turbulenta, é muito bem descrita por Stephen Vincent Benet:

“Homens e mulheres empacotavam seus pertences e lotavam com eles os carroções e, em seguida, moviam-se mil quilômetros com seus filhos, sua pouca mas querida possessão, suas estacas de roseira e mudinhas de maçã, suas Bíblias, seus livros e espingardas, para encontrar um novo lar nas ricas e perigosas terras do Oeste. Desceram os rios em barcos, lutaram contra tribos indígenas e contra o tempo, passaram pela fome, sofreram e plantaram-se na terra... A fronteira, a oportunidade da fronteira, a terra fértil esperando pelos homens com quem lutar, foi o ímã que atraiu os bravos e os ousados, como também atraiu o desajustado, o mal-adaptado e o povo que não se dava bem em casa”.

O movimento da Igreja nessa nova terra foi rápido. Entre 1790 e 1820, dez novos estados foram esculpido e admitidos à União. Durante esse mesmo tempo, ou antes, a Igreja Metodista tinha sido plantada em todos eles. O bispo Asbury havia nomeado um homem para todo o território do Nordeste! Em 1802, Benjamim Young foi nomeado missionário para Illinois. Em 1807, Jesse Walker foi nomeado para Missouri. Todos temos ouvido de Jesse James, de Missouri, que alcançou fama uns sessenta anos mais tarde. Mas, o outro Jesse, Jesse Walker, é muito mais importante na história norte-americana. O primeiro circuito em Indiana foi estabelecido por John Oglesby, em 1806. O resultado desta intrépida mobilidade era que, por volta de 1840, o Metodismo na América do Norte, com mais de um milhão de membros, se havia tornado o maior corpo protestante.

Uma notável figura que representa esta nova força é William McKendree, um jovem Lonchivar, que veio do Oeste para ser eleito bispo nativo. De muitas maneiras ele era o paralelo eclesiástico de Andrew Jackson, o primeiro presidente dos Estados Unidos a ser eleito, do oeste das Montanhas Apalaches, em 1828. Cada homem simbolizava a vinda de um novo poder. McKendree parecia haver nascido para a fronteira. Era vigorosamente bem formado, corajoso, naturalmente democrático, viajor animado e poderoso pregador.

Havia ido como jovem pregador da Virgínia a Kentucky, onde trabalhou durante oito anos como superintendente distrital. Foi delegado à Conferência Geral de 1808, em Baltimore. No domingo

anterior à abertura, pregou em uma das igrejas, e muitas pessoas tendo ouvido sobre o prodigioso “major general” do Oeste, juntaram-se para ouvi-lo. Ele apareceu em rudes roupas de fronteiro. Quando ficava excitado na pregação, com gestos vigorosos, descobria uma grande extensão de camisola vermelha. Isso era uma inegável marca do Oeste! Talvez fosse também tomado pelos membros da conferência como um sinal externo, visível, de uma graça espiritual interna, uma marca de força adequada às ocasiões selvagens e agitadas da administração de uma fronteira. Em poucos dias foi eleito bispo. Mas a roupa vermelha não era o importante, quanto ao sermão. Eis como um ouvinte registrou: “multidões caíam inanimadas, como que atiradas de suas cadeiras por um rifle, e uma influência elétrica encheu todos os corações”.

## **PETER CARTWRIGHT**

Aqui está um pequeno episódio da vida de Peter Cartwright, contado por ele mesmo. Nos primeiros dias de seu ministério itinerante, nas matas virgens de Kentucky, havia uma taverna pertencente a um notório valentão. Sua repetida ostentação em voz alta era: “Nenhum pregador permanece aqui”. Cartwright estava cavalgando em seu circuito ali naquela vizinhança; havia ouvido a jactância, mas permaneceu firme no seu caminho. Notícias da aproximação do pregador foram levadas ao taverneiro, que saiu quando viu Cartwright aproximar-se. O valentão ordenou ao pregador que voltasse ou levaria uma surra. Peter Cartwright nunca gostou de “receber ordens” de ninguém, nem mesmo em seus últimos anos, dos bispos da Igreja Metodista Episcopal! Apeou do cavalo e a briga se desenrolou. Logo ele tinha o taverneiro no chão e esmurrava-o vigorosamente, enquanto cantava: “saudai o nome de Jesus”. Fez o valentão prometer nunca mais interferir com os pregadores; mas Peter teve que cantar três estrofes até o homem concordar!

Isso, certamente, não estava de acordo com a Disciplina Metodista, ou com qualquer etiqueta ortodoxa eclesiástica; mas estava de acordo com a natureza do homem e com a vida de uma fronteira selvagem.

Tal incidente, que se multiplicou muitas vezes na própria autobiografia de Cartwright, e centenas de vezes nas lendas que se formaram sobre ele, indica um aspecto da admirável carreira e personalidade do homem. Ele se projeta como um homem de lendário vigor físico, rápida adaptabilidade a todas as condições de vida, agudeza de espírito e admirável poder de voz pungente e uma devoção firme ao evangelho e à Igreja. Ele era o único – não tirado de um molde – uma demonstração da verdade que “Deus cumpre suas promessas de muitas maneiras”, para que um bom costume (ou um só tipo de pregador) não corrompa o mundo.

Peter Cartwright cresceu em Kentucky, quando esse Estado ainda era “terra escura e sangrenta”. Serviu toda a vida, desde o começo, como pregador itinerante, em Kentucky, com a idade de dezoito anos, até a morte, em 1872, 69 anos de prodigioso trabalho, nos estados de Kentucky, Indiana e Illinois. Por vinte anos foi itinerante e por cinquenta superintendente distrital. A riqueza da história de seu espírito, seu poder ao tratar com homens violentos, não devem obscurecer a lembrança de sua sabedoria, sólido senso e dedicação religiosa, assim como o conhecimento do senso de humor possuído pelo grande amigo de Cartwright, Abraão Lincoln, não deve obscurecer a apreciação de sua grandeza moral.

Aqui está uma descrição contemporânea de Cartwright, com um pouco de imaginação:

“Sua boca e olhos, tanto quanto a radiante graça da parte superior de suas faces, falam de uma natureza bondosa e sociável. Sua cabeça é grande e firmemente sustentada entre amplos e compactos ombros. Sua testa é larga e encimada por uma emaranhada massa de cabelo cinzento férreo. Seus olhos são intensamente profundos em cor e brilham como fogo, sob as felpudas sobrancelhas, e nos cantos dos olhos ostenta profundas rugas. Sua pele nunca clara, é bastante queimada pelo sol

Aqui está o homem em ação aos setenta anos: “cavalgou 70 quilômetros sob chuva, pregou a muitas congregações, recebeu, para as despesas, 15



centavos de dólar e para as refeições doze grandes maçãs.”

Ele chamava a si mesmo “o lavrador de Deus”. A lâmina do seu arado penetrou profundamente na vida da nação e das igrejas. E, havendo posto a mão ao arado, nunca olhou para trás.

## **TRÊS MIL QUILOMETROS POR UM LIVRO**

A grande epopéia da América do Norte é a marcha da população em direção ao Oeste. Uma das grandes histórias do Cristianismo na América é uma longa jornada em direção ao Leste. O Leste eventualmente pôs em ação muitos missionários em direção ao Oeste.

Uma tarde, no inverno de 1831-32, três índios Nez Percés e um índio cabeça-chata apareceram nas ruas de São Luís, com um pedido que, provavelmente, nenhum homem branco ouviu antes. Explicaram que haviam vindo da terra do sol poente. Disseram que ouviram sobre o Deus do homem branco e desejavam aprender acerca dele e obter um exemplar da Bíblia. O General William Clark, que havia estado com o capitão Meriweather Lewis na famosa viagem de exploração Lewis-e-Clark ao Nordeste, em 1804-6, era então agente de índios em São Luís. Deu aos índios presentes e instrução religiosa. Um dos índios, com o formidável nome de Ta-Wis-Sis-Sim-Nim, expressou o desapontamento dos homens vermelhos, numa palestra captada e largamente divulgada na época, uma palestra que teve grande influência em dirigir o interesse para missões entre os índios. Esta foi a conclusão da palestra:

“Meu povo mandou-me obter o Livro do Céu, do homem branco. Vocês me levaram aos lugares onde permitem às suas mulheres dançar, como não deixamos as nossas; e o Livro não estava lá! Vocês me levaram ao lugar onde adoram o Grande Espírito com velas, mas o Livro não estava lá! Vocês me mostraram imagens do Grande Espírito e retratos da Boa Terra além, mas o Livro não estava entre eles para contar-me o caminho. Vou voltar para o longo caminho, para o meu povo, na terra escura. Vocês fazem meus pés pesados com presentes e meus mocassins envelhecerão ao carregá-los, e no entanto o Livro não está entre eles!

Quando eu disser ao meu pobre e cego povo, depois de mais uma nevada, no grande concílio, que eu não trouxe o Livro, nenhuma palavra será pronunciada por nossos velhos, nem por nossos bravos jovens. Um por um, eles se levantarão e sairão em silêncio. Meu povo morrerá na escuridão, e continuará num longo caminho para outras terras de caça. Nenhum homem branco irá com eles, e nenhum Livro do homem branco irá aplainar o caminho. Não tenho mais palavras”.

Os índios partiram, voltando para o Oregon com um sentimento de desapontamento, desconhecendo o fato de haverem posto em ação forças que trariam grandes resultados. William Walker enviou à Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal sua carta histórica a respeito da visita do índio chefe cabeça-chata a São Luís, em busca do Livro da Vida do homem branco. Aquelas cartas, publicadas no *The Christian Advocate* e no *Zion's Herald*, atraíram grande atenção. Elas conduziram, afinal, à primeira missão transcontinental da América do Norte, a dos índios do Oregon. Essa história da visita dos índios também levou a American Board, representando as Igrejas Congregacionais, Alemã Reformada e Presbiteriana a enviarem três missionários.

## **JASON LEE – BANDEIRANTE DE DEUS**

São três horas da tarde, segunda-feira, no dia 15 de setembro de 1834, no Forte Vancouver, onde está agora o Estado do Oregon, mas que era, nesse tempo, “uma zona sombria entre os Estados Unidos e o Canadá”. Um grupo de viajantes poderia ser visto a distância, vagarosamente caminhando ao longo de uma trilha. Era o fim de uma longa e momentosa viagem. Estavam cansados. O que sobrou da provisão, havia sido comido naquela manhã.

Aquela chegada fez história. Porque no grupo estava um jovem pregador metodista, o primeiro a chegar à costa do Pacífico, Jason Lee, de trinta e um anos de idade. Sua vida rendeu um serviço dobrado. Ele começou a evangelização metodista no grande território do Médio Oeste e abriu o caminho para outras Igrejas. Ele foi também o homem largamente influente quando à posse do Oregon como parte dos Estados Unidos Assim, nele, duas corren-

tes de atividade caminhavam juntas: a religiosa e a política. As cartas a que já nos referimos no capítulo precedente, sobre o apelo às igrejas para responder ao chamado dos índios que viajaram a São Luís para obter um exemplar da Bíblia, instigou a mente e o coração de Wilbur Fiske, Presidente da Universidade Wesleyana, em Middletown, Connecticut. Persuadiu o jovem Jason Lee, um professor, a responder ao apelo. Lee partiu de São Luís em abril de 1834, para uma longa jornada pela “Trilha do Oregon”, ainda um verdadeiro deserto, em grande parte. Foi uma das grandes veredas da história. Começando em Independência, no Missouri, atravessou Kansas, Nebraska, Wyoming, sobre os penhascos, no famoso Passo do Sul, através de Oregon, terminando perto do que agora é Astória. Havia se transformado numa rota regular, primeiro assinalada pelos exploradores e depois usada por negociantes de peles, missionários e, finalmente, pela manada de gado dos colonizadores.

Jason Lee pregou o primeiro sermão protestante na costa do Pacífico em 28 de setembro de 1834. Iniciou uma missão aos índios perto do que se tornou Salém, no Oregon. Era um trabalho difícil. Ele mesmo o descreve assim: “...tentei pregar a uma congregação mista de ingleses, franceses, escoceses, irlandeses, índios, americanos, mestiços, japoneses, etc., alguns dos quais não entendiam cinco palavras em inglês. Achei extremamente difícil coligir meus pensamentos ou encontrar palavras para expressá-los, mas sou agradecido, porque me foi permitido pleitear a causa de Deus neste lado das Montanhas Rochosas, onde a bandeira de Cristo nunca antes foi desfraldada.”

Ele sentiu fortemente as grandes possibilidades do território, e resolveu salvá-lo para os Estados Unidos. Sua história é uma parte vital de um poema épico nacional, com o tema de obtenção de todo o território do que é hoje Oregon, Washington e Idaho — um império fabuloso. Esse território era sustentado pela Grã-Bretanha e Estados Unidos em comum acordo. A Companhia da Baía de Hudson trabalhava para trazê-lo sob o controle. Lee começou no Oeste para despertar a nação. Sua jornada pelo país foi como a de Pedro, o Eremita, proclamando a cruzada. Lee ganhou. Sua cruzada ajudou a trazer a imigração que decidiu a questão. A longa disputa sobre fronteiras foi finalmente decidida em 1846.

Os grandes exploradores, Lewis e Clark, foram comissionados pelo presidente Jefferson, em 1803, para inspecionar a terra. Jason Lee também foi comissionado, mas por outro Poder, para abrir aquela terra para sua mensagem e sua Igreja.

## **ALFORGES**

Nas “Mil e Uma Noites” há um sinistro e fantástico conto de um “Gênio”, ou espírito mau, que foi solto de um jarro no qual havia sido aprisionado. Um investigador, inconscientemente, levado por fatal curiosidade, tão forte como a da Pandora, que abriu uma caixa cheia de calamidades, arrancou a rolha do jarro e o aterrorizante gênio emergiu e espalhou-se até encher toda a região. Um tremendo poder saindo de uma pequena vasilha!

Isso é um fantástico conto de magia oriental. Mas há uma história muito mais fantástica, e verdadeira, de magia ocidental, a magia do Oeste. Não é a história do jarro e do gênio, mas de um alforge e uma civilização. Os alforges do pregador itinerante eram instrumentos mágicos, porque, pela providência de Deus, saíram deles igrejas, escolas, colégios, tribunais e, mais poderosamente que tudo, as vidas fortalecidas e transformadas de homens e mulheres. Porque os alforges do pregador eram o símbolo do evangelismo na estrada. Eram seu baú, seu travesseiro, sua biblioteca, os três num só. Levaram sua mensagem na Bíblia e no hinário. Eram as ferramentas de um ministro e poderiam muito bem ser pintadas em janelas com vidros coloridos, porque eram meios da graça.

Aqui está um elogio que um ministro do Oregon, Thomas Fletcher Royal, prestou ao seu par de alforges, depois de cinqüenta anos de uso:

“Estes velhos alforges têm uma nova e interessante história para contar; embora muito velhos, não são meu primeiro par, já completamente gasto pelo duro serviço. Estes, eu sei, parecem velhos e encarquilhados o suficiente para terem suportado o uso de um século. Se você quiser saber de onde vieram suas rugas, pergunte aos tempestuosos ventos e pesadas chuvas, pergunte à lama preta e aderente do Sul do Oregon e ao matagal cerrado dos caminhos de Coos Bay; pergunte às neves no pico das montanhas da Cascata e aos juníperos solitá-

rios do Lago dos gansos, que davam ao itinerante escassa proteção contra as geadas do elevado planalto e forneciam um travesseiro para a cabeça cansada durante muitas noites em abrigos naturais; pergunte ao homem que os puxou de uma pilha de detritos no Rio Umpqua do Sul, onde ficaram alojados depois de arrancados das costas do cavalo do pregador, enquanto nadava contra uma correnteza avolumada.

Se estas histórias de lutas não são suficientes para explicar suas marcantes aparências de aposentadoria por excesso de serviço, pergunte sobre os serviços que eles têm realizado. Eles foram a biblioteca do pregador viajante, seu guarda-roupa e, muitas vezes, sua despensa; às vezes, foi a caixa de aveia para o cavalo, uma medida de cada vez; com rumo a lugar desconhecido, estavam sempre cheios com Bíblias, literatura para Escola Dominical e outros livros do “assunto”; na volta, vinham lotados com presunto, uma manta de toucinho, um pedaço de carne fresca, um frango ou peru cozido; eles têm transportado todos os tipos de mercadorias secas, drogas, calçados, ferragens, e, mais de uma vez, um sortimento de brinquedos de Natal. Estes alforjes têm sido esticados ao ponto máximo, com verduras de todos os tipos; aventuraram-se a carregar cargas tão explosivas quanto ovos às dúzias, galão de pickles, muitas vezes um queijo inteiro e, uma vez, um galão de sabão mole e, muitas vezes, frutas secas, frescas, enlatadas e preservadas. Tudo isto era usualmente considerado como “soldo”, o termo usado então para a “manutenção” do pastor. Velhos companheiros, vocês e eu já não parecemos tão jovens como uma vez fomos. As pessoas do século XX nos consideram relíquias de um tempo remoto. Mas, se somos fósseis de uma era passada, apresentamos vincos hieroglíficos em nossas faces, nos quais poderia ser decifrada uma história de lágrimas e risadas misturadas, com um pouco de comédia e um toque de tragédia – e de gigantescos triunfos”.

## **O PRIMEIRO MISSIONÁRIO JOHN STEWART**

Esta história poderia ser intitulada “dez noites em uma taverna e a seqüela”, porque o herói da história, John Stewart, um negro, o primeiro missionário metodista, havia passado muito mais

que dez noites em uma taverna. Ele era negro da Virgínia, livre desde o nascimento, que alcançara o fundo da escala social. Ele era um dissoluto freqüentador de tavernas, uma pessoa de cuja vida se poderia escrever um triste “*finis*”. Mas a história mostra que Deus parece ter um interesse em conclusões ligadas a começos que nada prometem. Stewart sofreu um acidente. Defrontou-se com a graça de Deus, conforme proclamada no evangelho pregado por um itinerante metodista, em um domingo de 1815. O sermão foi um tiro certo no coração e na consciência de Stewart. Converteu-se, uniu-se à Igreja no domingo seguinte e logo resolveu seguir como missionário aos índios. Ele não tinha autorização, nem sustento garantido. Esses pormenores eram desprovidos de importância. Ele apenas começou, indo primeiro aos índios de Delaware ao longo do Rio Muskingan e, depois, aos índios Wyandotte, perto do que agora é Sandusky Superior. Com a ajuda de outro negro, Jonathan Pointer, que havia vivido entre os índios, entendia sua língua e agia como intérprete, ele pregou e iniciou um reavivamento religioso. Até 1818, seu trabalho era inteiramente independente de qualquer igreja. Foi, então, nomeado pregador local pela Igreja Metodista. Morreu tuberculoso em 1823.

A dramática história do seu trabalho espicçou o crescente interesse missionário da Igreja e contribuiu para a organização da Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal, em 1819.

A história desse homem não é somente emocionante, em que Deus usa instrumentos bastante desprovidos de probabilidades, mas torna-se um capítulo no grande movimento missionário das Igrejas Cristãs, que prosseguiu entre 1790 e 1830, lançando o moderno movimento missionário, uma das maiores épocas na expansão do Cristianismo. Na América, isso foi marcado pela famosa “Reunião de Oração Haystack”, no Williams College, em 1806, onde estudantes apanhados em uma “tempestade” decidiram ir como missionários a terras estranhas. Isso conduziu à formação da American Board of Commissioners for Foreign Missions, em 1810. Em 1814, a União Missionária Batista foi fundada e a Sociedade Metodista Missionária, em 1819. Esses eventos marcaram o alargamento do horizonte missionário das Igrejas, da fronteira para terras mui longínquas.

## MIL CAIRÃO

Em 1831, um jovem pregador metodista do circuito de Virgínia havia tristemente desistido de seu trabalho, mais uma vez arruinado pela péssima saúde.

Ele poderia ter sido desculpado por atirar as mãos em desespero, porquanto todos os passos de sua vida haviam sido seguidos pela frustração e aparente derrota. Natural do Maine, havia começado a pregar na Conferência da Nova Inglaterra. Mas, depois de três anos, estava batido pela tuberculose. Foi forçado a procurar um clima mais favorável na Virgínia. Ele era responsável, durante certo tempo, por um jornal da igreja, em Baltimore – duplo fracasso, tanto de sua saúde como do jornal.

Casou-se e, em menos de dois anos, sua esposa faleceu de parto. E agora, este fracasso final, ser forçado a desistir do seu trabalho como pregador.

Esta foi a trágica história do jovem Melville Cox. Mas ele não levantou as mãos em desespero para o céu. Ele tinha melhores trabalhos para elas. Há quatro coisas que um cristão pode fazer com suas mãos. Pode torcê-las em fútil piedade de si mesmo e lamentações. Pode cruzá-las com preguiçosa passividade. Pode erguê-las em oração. Pode empregá-las em uma tarefa no Reino de Deus. Cox escolheu as duas últimas alternativas. Ao pedido para um voluntário, que seria o primeiro missionário estrangeiro da Igreja Metodista, ele se ofereceu. O lugar era a nova República de Negros da Libéria, um dos piores climas do mundo, mesmo para um homem de perfeita saúde! Depois de muita hesitação, foi aceito e navegou em seguida para a África, onde chegou em 1833, aos 33 anos de idade. Quatro meses depois estava morto. Passou na África um tempo menor que o da duração da viagem para lá!

Ficamos surpresos hoje que uma Sociedade Missionária mandasse para além-mar um homem com uma saúde tão precária. Na verdade, alguns se opuseram, e um disse que Cox deveria levar consigo um caixão de defunto! O trabalho das Missões não pode ser levado a efeito desta maneira. Seria loucura. Mas, no caso de Melville Cox, era loucura da Cruz.

Ele se ergueu como um farol para a Igreja, refletindo o espírito de sacrifício de Cristo. Deixou um grande legado para a Igreja em sua senha, apresentada antes de partir para a África: “Mil cairão antes de desistir-se da África”. Isso e a inspiração de seu próprio espírito corajoso, sem dúvida, fizeram mais para a causa da evangelização do mundo que sessenta anos de bem sucedido trabalho missionário poderiam ter feito. Sir Walter Scott escreveu:

Oh! Onde estava Roderick, então?  
Um assopro da sua buzina de chifre  
Valia por mil homens”.

A vida e morte de Cox foram um “assopro de buzina”, e nos seguintes mais de 120 anos continuou a ser, de modo que muito mais de mil responderam.

## **O GIGANTE DAS BOTAS DE SETE LÉGUAS**

O “Gigante” era William Taylor, uma figura alta, muito magra, com longa barba, parecendo-se um pouco com o Moisés de Miguel Ângelo, sem as cornetas, Foi um evangelista que cavalgou pela América do Norte, Austrália, Índia e África, no curso de uma espantosa vida de realizações.

Dê uma olhada nele enquanto inicia sua pregação numa rua, em São Francisco, em 3 de dezembro de 1849, no começo da Corrida do Ouro. Aqui estão suas próprias palavras:

“Anunciei à congregação, na ‘nossa igreja na colina’, que às três da tarde eu pregaria ao ar livre, no Portsmouth Square, conhecido mais familiarmente como Praça. Isso era considerado por muitas pessoas presentes, senão por todas, como uma experiência deveras perigosa, porquanto os jogadores constituíam um grupo poderoso e bastante influente na cidade; a Praça era seu principal ponto de reunião e o domingo o melhor dos sete dias para seus negócios. Os jogadores ocupavam as melhores casas na cidade, mobiliadas no mais magnífico estilo...

Aqueles lugares, especialmente à noite e aos domingos, estavam repletos de pessoas de todas as idades e pigmentos. Tomei comigo meu doce cantor de Israel, o companheiro da minha mocidade, que tem estado comigo em todas as batalhas, e descí para o campo de ação.



Escolhi para púlpito um banco de carpinteiro, que ficava em frente a uma das maiores casas de jogatina da cidade. Cantei em alta voz:

“Ouvi a real proclamação  
As boas novas de salvação  
Que publicam a toda criatura  
E aos infelizes filhos da natureza,  
Que Jesus reina, reina vitoriosamente  
Sobre o céu e terra mais gloriosos.  
Jesus reina”.

Este homem tinha Boas Novas para trazer. Para seguir William Taylor através do resto de sua única carreira seria necessário um Atlas, um instrumento de registrar terremotos e uma grande cesta cheia de pontos de exclamação. Ele andou, ou melhor, pulou e saltou sobre a terra em busca de sete léguas, muito mais mágicas que as botas do gigante na história de fadas.

Aqui estão apenas alguns dos passos. Ele havia ido da Virgínia à Califórnia, tomando o longo caminho do mar nos primitivos dias da corrida do ouro. Depois de diversos anos de fenomenal sucesso na evangelização lá, viajou pelos Estados Unidos, em trabalho de reavivamento e levantamento de dinheiro. De lá partiu para a Austrália e, depois, para a África do Sul, pregando a populações nativas, os Kaffirs e Zulus. Partiu em seguida para a Índia, em 1870, e fez muito para estabelecer os alicerces do trabalho naquele país.

Na Índia, ele tentou primeiro o que veio a ser a grande paixão da sua vida: missões com sustento próprio. Ele tinha uma teoria, à qual se ligou com infatigável devoção, de que o trabalho missionário poderia ser sustentado pelo desenvolvimento de indústrias, e por outras maneiras, sem o sustento de qualquer outra origem. Isto não se tornou um costume permanente mas, como um meio de ocupar novo território, teve grande resultado sob a liderança de Taylor.

Em 1884, foi eleito bispo missionário da África, a despeito do fato de que era apenas um delegado leigo da Índia para a Conferência. Durante os seguintes doze anos, ele atravessou o continente da África e a linha de missões que ele estabeleceu podia

ainda ser distintamente traçada como uma linha estratégica para a conquista cristã.

## **O SUL VAI AO OESTE ALÉM**

Numa remota parte do Mississípi, no ano de 1830, um pregador metodista chamado Nolley viu, num campo, sinais recentes de uma carroça e alcançou um colono que nesse momento desembarcava seus haveres e sua família no local onde iria estabelecer o novo lar. Depois de saber quem era Nolley, o colono exclamou desgostoso: “Outro pregador metodista! Deixei Virgínia vindo para Geórgia, para livrar-me deles. Lá apanharam minha esposa e filha, e por isso vim para cá, e aqui encontro outro, antes mesmo de descarregar minha carroça?”

“Meu amigo”, disse Nolley, “se você for para o céu, encontrará pregadores metodistas lá, se for para o inferno, receio que você encontre alguns lá; se você vê como é a coisa na terra, seria melhor andar às boas conosco e estarem paz.”

Esta história, que tem todas as características do folclore da fronteira, como as histórias de David Crockett, tem, contudo, genuíno valor histórico e muito mais efeito que páginas de estatísticas, porque oferece major ajuda à imaginação ao pintar extraordinário avanço da Igreja no Sul, quando ela se imbuíu da tarefa de introduzir-se em novos territórios. Isso é verdadeiro quanto aos anos antes da organização da Igreja Metodista Episcopal do Sul e também depois.

A frase “aqui está um pregador metodista antes mesmo de eu descarregar minha carroça” deve ter sido proferida em centenas de novas localidades em todo o percurso da Carolina do Norte e Geórgia, diretamente ao Oceano Pacífico. O Metodismo não era nem onipotente nem onisciente mas quase chegou a ser onipresente!

“Estes são aqueles que vieram da grande tribulação” poderia verdadeiramente ser dito dos membros e ministros da Igreja Metodista do Sul. Quando consideramos a devastação da guerra de 1861/65, e a deslocação dos anos seguintes, o crescimento e realizações da Igreja foram um fenomenal capítulo na história cristã. Na primeira sessão da Conferência Geral, foram tomadas me-

didadas para o estabelecimento de uma missão na China, e, dois anos depois, dois missionários foram enviados. Três missionários foram enviados à Califórnia em 1848, chegando a tempo para saudar com o evangelho a primeira onda da corrida do ouro. A Conferência de Arkansas foi organizada em 1854 e a Conferência de Missões do Rio Grande, mais as conferências no Texas, alguns anos depois. O México entrou em 1873, o Brasil em 1876, o Japão em 1885. Ao lado disso, seguiu-se um contínuo interesse pelos membros de cor negra da Igreja, dos quais havia em 1860 cerca de um quarto de milhão. Em 1870 a Igreja Metodista Episcopal dos Negros foi formada, à qual a Igreja Metodista Episcopal do Sul tem dado amizade, ajuda e sustento financeiro.

A história resplandece com grandes nomes na história religiosa da América, tais como William Capers, Enoque M. Marvin, H. N. McTeyre, W. R. Lambuth e muitos outros.

## **VAMOS AO COLÉGIO**

Pode-se dizer, com grande medida de verdade, que o Metodismo começou num colégio. Naturalmente, começou muito antes, no quarto de crianças da casa pastoral de Epworth. Mas, como movimento, começou a ter forma no Clube Santo, que nasceu no Colégio Igreja de Cristo, Oxford, e no Colégio Lincoln, Oxford, onde João Wesley viveu e trabalhou como professor. O Metodismo nasceu com uma grande paixão pela educação e nunca perdeu essa paixão. Isto é um ponto deveras importante porque, fora sua liderança superior, Wesley, Whitefield, Fletcher e outros, os membros das primitivas sociedades, na Inglaterra e na América, eram homens e mulheres com nenhuma ou pouca educação formal.

Volte, em imaginação, para a Conferência do Natal, em 1784, em Baltimore, em que a Igreja Metodista Episcopal foi organizada. Lá estavam eles: um pequeno grupo de 63 pregadores, havendo na América, nessa época, somente 83 pregadores metodistas. Nenhum deles, com exceção do Dr. Thomas Coke, havia estado num colégio, ou mesmo, no que seria chamado agora, uma escola secundária rudimentar. Todos eram desesperadamente pobres, financeiramente. No entanto, uma das ações desta Conferência foi providenciar a abertura de um colégio. O Colégio

Cokesbury foi autorizado a funcionar, e em 1787 foi aberto em Abingdon, Maryland.

Esse colégio não durou senão alguns anos, sendo duas vezes queimado. Mas era o começo de uma empresa fundadora de escolas e colégios, e sustentá-los, o que vem sendo feito por mais de dois séculos, e que fez uma incomensurável contribuição para a força do Cristianismo na América e à vida de toda a nação. Mesmo dar uma leve visão do trabalho dos colégios metodistas excederia em muito os limites deste livro; só o escrever seus nomes tomaria muitas páginas. Um incontável exército de alunos tem saído dos colégios, universidades e seminários metodistas. Vamos aqui mencionar algumas dessas ilustres instituições.

Wesleyan University, em Middletown, Connecticut e Radolph-Macon College, em Ashland, Virgínia, têm disputado entre si sobre qual é a mais velha instituição. Randolph-Macon foi planejado em 1830, e Wesleyan em 1831, mas este abriu suas portas primeiro. Outros colégios se seguiram:

Allegheny em Meadville, Pensilvânia, tomado pelos metodistas em 1833, e Dickinson em Carlisle, Pensilvânia, em 1834, McKendree College, em Illinois, foi fundado em 1834, De-Pauw University em 1837, Ohio Wesleyan em 1842 e Northwestern, em 1851.

O rol inclui colégios tais como Syracuse, Boston, Hamline, University of Southern Califórnia. A Igreja Metodista Episcopal do Sul criou grandes instituições, tais como Trinity College, Durham, na Carolina do Norte, agora Duke University; Emory, em Atlanta, e Southern Methodist, em Dallas, Texas. Notáveis escolas teológicas têm servido poderosamente à Igreja na capacitação de ministros. As Escolas Teológicas agora em operação são: Boston University, School of Theology, Candler School of Theology, Emory University, Drew Theological Seminary, Duke Divinity School, Gammon Theological Seminary, Garrett Biblical Institute, Illif School of Theology, Perkins School of Theology, Southern Methodist University, School of Religion, University of Southern California e Westminster Theological Seminary.

Durante a segunda guerra mundial, todos estávamos familiarizados com o título “Escritório de Serviços Estratégicos”. A edu-

cação cristã tem sido “um serviço altamente estratégico” no que João Bunyan chamou “a guerra Santa de Deus”.

## **ATÉ NOS ENCONTRARMOS OUTRA VEZ**

O principal evento do Metodismo norte-americano no século XX foi, indubitavelmente, a união dos três maiores ramos metodistas, que se uniram em uma única igreja, em 1939. Naquele tempo, a Igreja Metodista Episcopal do Sul, a Igreja Metodista Episcopal e a Igreja Metodista Protestante uniram-se para formar a Igreja Metodista. Para apreciar a importância desse evento, deve-se dar uma olhada retrospectiva nos rompimentos que fizeram necessária a nova união. Isso não exigirá prolongada absorção em “batalhas velhas, infelizes, coisas mortas”. Tem-se dito, com grande dose de verdade, que muitos historiadores têm-se “sentado muito tempo em cemitérios militares, até apanhar um resfriado e endurecimento mortal”. O Metodismo, hoje, não está sentando-se em “cemitérios militares”.

O maior rompimento veio em 1844, quando os metodistas, nos estados sulinos formavam a Igreja Metodista Episcopal do Sul. O ponto básico do conflito foi a escravidão e o rompimento, o quase inevitável resultado de forças operando na história norte-americana, o que era chamado nos tribunais do Congresso “o conflito irreprimível”. O rompimento sobre a questão da escravidão veio no Metodismo dezesseis anos antes do rompimento nacional, continuando na guerra de 1861-65. A causa imediata em 1844 foi que o bispo James O. Andrew manteve escravos que lhe advieram legalmente por sua esposa. Mas, debaixo disso estavam as profundas brechas na vida interior da nação. A Igreja Metodista Episcopal do Sul, formada em 1844, continuou a realizar um notável destino de noventa e cinco anos de serviço. As relações entre as Igrejas irmãs eram violentas durante a guerra e as misérias infligidas ao sul pelo governo de Washington, durante a chamada “Era de Reconstrução”, após a Guerra. Mas, grandes almas em ambas as Igrejas olharam para a frente, para uma união, de maneira que nos anos em que estavam separadas como organizações, era sempre ouvida a música do “Deus vos guarde... até nos encontrarmos outra vez”.

A Igreja Metodista Protestante foi formada em 1830, como resultado do desejo de muitos ministros e leigos, que eram chamados popularmente de “reformadores” e “radicais”, de maior democracia no governo da Igreja, incluindo a admissão de leigos na Conferência Anual. Esta Igreja prestou vigoroso e eficiente serviço durante mais de um século, e é digno de nota que muitas das mudanças pelas quais seus fundadores lutaram foram incorporadas na vida e trabalho dos dois maiores ramos do Metodismo muito antes da fusão.

A história toda é notável, tendo uma contínua unidade de espírito, que se tornou, afinal, uma organização unitária de mãos apertadas.

## **A IGREJA METODISTA PROTESTANTE**

Uma das três Igrejas que vieram a formar a Igreja Metodista, em 1939, foi a Igreja Metodista Protestante. Era a menor das três Igrejas, mas grande em força espiritual e contribuição ao bem-estar comum das três igrejas. Na verdade, os membros dessa Igreja, quando consolidaram a vida institucional e espiritual da Igreja reunida, poderiam, na verdade, haver dito, nas palavras de Wordsworth, em sua “Intimações de Imortalidade”:

“Não em inteiro esquecimento,  
Nem ainda em nudez externa  
Mas arrastando nuvens de glórias chegamos”.

Conforme lembrado antes, neste livro, a Igreja Metodista Protestante foi formada em Baltimore, em 1830, Quatro anos depois, havia quatorze concílios na Igreja, com vinte e seis mil membros. A nova organização surgiu como resultado de uma crescente convicção entre alguns membros e leigos, da necessidade de mais democracia na administração da Igreja Metodista Episcopal e a necessidade de se admitir leigos como membros das Conferências, incluindo a Conferência Geral. Aquelas reformas parecem-nos hoje tão piedosas quanto justas, porque muitas das mudanças propostas por aqueles que organizaram a Igreja Metodista Protestante têm sido desde há muito adotadas por ambos os grandes ramos do Metodismo. Como resultado, a Igreja Metodista Protestante fez uma duradoura contribuição à efetividade de todo o Metodismo. Não havia bispos naquela Igreja. No entanto, a exi-

gência de administração tem tido seu efeito, porque o retrato de um bispo metodista como um poder autocrático pertence ao longínquo passado, no museu histórico, como “pedaço de um período”, como qualquer bispo lhe dirá livremente. Na Conferência para União, dois líderes da Igreja Metodista Protestante foram eleitos e consagrados bispos da Igreja Metodista.

Uma grande contribuição pessoal da Igreja Metodista Protestante foi a influência do eloqüente líder da Igreja, o Dr. T. H. Lewis, apaixonado profeta da união Metodista.

Outra contribuição foram as escolas, fundadas para cobrir as necessidades da “nova” denominação: Westminster College, em Maryland, (1860), com um seminário teológico (1882); Adrian College, Michigan (1868); Westminster College, Telmacana, Texas, (1895) e High Point College, North Carolina (1920).

Adicionadas ao horizonte mundial do Metodismo, estavam fortes missões no Japão, China e Índia.

E, finalmente, a Igreja Metodista Protestante trouxe à união mulheres ministras. Foi o único “ramo” que deu pleno reconhecimento clerical a mulheres-ministras. E assim foi dada uma importante ênfase a um propósito metodista para reconhecer cada pessoa como instrumento sem par no serviço de Deus.

## **CONSTRUINDO DUAS POR DIA**

O trem desceu devagar e parou na estação. Um homem saltou e correu para o posto telegráfico, Era uma figura autoritária, com resplandecente bigode que o proclamava banqueiro ou pregador. Era Charles C. McCabe, um dos Secretários, por dezesseis anos, da Sociedade de Expansão da Igreja Metodista. (Embora não fosse banqueiro, era um gênio financeiro, cuja facilidade para extrair dinheiro do povo para a construção de igrejas igualava-se à de Moisés, que tirou torrentes de águas de uma rocha!).

Ele deu ao telegrafista um dos mais estranhos telegramas que já foram pedidos para serem transmitidos. Aqui está ele:

“Caro Robert:

Saudai o nome de Jesus estamos construindo uma igreja metodista para cada dia do ano, e propomos construir duas por dia!" - C. C. McCabe".

O "Robert", a quem o estranho telegrama fora enviado, era Roberto C. Ingersoll, o orador eloquente, cujos fogos de artifício verbais atacando o Cristianismo haviam causado consternação e, na época, quase pânico entre muitos membros das igrejas. O Dr. McCabe, muito conhecido por mais de uma geração como "capelão" McCabe, havia visto no jornal que lia no trem a reportagem de uma conferência de "livre -pensadores", na qual o Sr. Ingersoll havia declarado dogmaticamente: "As igrejas estão morrendo por toda a par te da terra; estão mortalmente feridas".

Daí o telegrama de McCabe, corrigindo aquele curioso pedaço de falsa informação.

O incidente e o homem eram símbolos de uma hora de construção de igrejas, que foi uma façanha de expansão em direção ao oeste dos Estados Unidos, não mais em diligências cobertas, mas trazidas pelo "cavalo de fogo" das recém-construídas estradas de ferro. A história do telegrama espalhou-se pela Igreja e transformou-se em um hino que o capelão McCabe cantou, por muitos anos, a centenas de milhares de pessoas, com grande efeito, Um verso representa cinquenta anos da história da expansão da Igreja:

"Estenda suas muralhas, formosa Sião,  
Ao longo da linha se ouve.  
O Metodismo ouviu essa voz e  
Responde por toda a parte.  
Uma igreja nova saúda a flama da manhã,  
Outra igreja saúda os raios da tarde.  
*Saudai o nome de Jesus.*  
Construímos duas por dia!"

A Sociedade da Extensão da Igreja Metodista Episcopal foi organizada em 1864. Com oportuna e clarividente visão, ela ajudou, por meio de empréstimos e donativos, na construção de milhares de igrejas. Esse trabalho foi grandemente auxiliado pela Sociedade Missionária do Lar Feminino, organizada em 1880.



## SAINDO DA ESCRAVIDÃO

Em Morristown, Tennessee, permaneceu por muitos anos um pequeno edifício que teve uma estranha e dramática história. Sua história pode servir como binóculos, através dos quais se poderá observar o trabalho do Metodismo na ajuda aos negros da América, depois de estes haverem sido libertados. Naquele edifício, um pretinho, A. F. Fulton, foi vendido como escravo. Quando o futuro da raça negra parecia ser sombrio e sem esperança, a mãe daquele menino e quatro membros de sua família foram vendidos em leilão, no tronco. O garotinho tinha apenas quatro anos de idade, mas alcançou um bom preço para aquele tempo, 1.166 dólares. Alguns anos depois, aquele edifício foi transformado em igreja, denominada Igreja Betel. Naquele edifício, o menino se converteu e uniu-se à Igreja. Naquele mesmo lugar, ele passou também a maior parte de seus dias escolares. Depois de preparar-se para ser professor, voltou e ensinou por mais de uma geração, depois que o edifício havia passado para as mãos da Sociedade de Ajuda aos Escravos Libertados, da Igreja Metodista Episcopal, e funcionava como Escola para Negros. Essa escola tornou-se a *Morristown Normal and Industrial College*, e aquele menino escravo foi um de seus professores capacitados e honrados.

Um edifício e uma vida – estendendo uma forte mão que levanta acima da escravidão. Retrata muitos edifícios e muitas vidas.

Com o propósito de trabalhar para a assistência e educação requerida em favor dos escravos libertados, foi fundada, em 1886, a Sociedade de Ajuda aos Escravos Libertados, da Igreja Metodista Episcopal. Sob um nome ou outro esse trabalho foi realizado com notáveis resultados durante 84 anos. Escolas de toda espécie têm sido dirigidas. Mais de 250.000 alunos têm freqüentado aquelas escolas para negros e estes têm saído a prestar serviços em todos os caminhos da vida. Tem-se calculado que mais de vinte mil professores nas escolas públicas do Sul vieram daquelas Instituições Metodistas

A Igreja Metodista Episcopal do Sul, até o ano da união, continuou sua ajuda a Igrejas e Escolas de Negros da Igreja Metodis-

ta Episcopal dos Negros. Em 1946, havia trezentos e oitenta e um mil membros no rol desta igreja.

### **“QUE MULHERES TÊM AQUELES CRISTÃOS!”**

As palavras acima recordam um dos poucos comentários contemporâneos de um observador de fora do Cristianismo, em seus primeiros dias no Império Romano. São as palavras de um pagão, prestando homenagem às mulheres daquela comunidade cristã. Não se deve esquecer que o Cristianismo fez sua trajetória no mundo não somente por sua mensagem e idéia mas, também, em muitos casos, primeiro por seu povo. Constantemente eram mulheres cristãs que deixavam o mundo pasmado. O lugar da mulher na vida e trabalho da Igreja Cristã foi distintamente prefigurado na parte que realizaram na história da ressurreição; foram as últimas na cruz e as primeiras no túmulo. Um grande tributo às mulheres cristãs ocorre na história registrada por Lucas, no caminho de Emaús. Um dos discípulos disse a Jesus: “algumas mulheres de nosso grupo nos pasmaram” (Lucas 24.22). Isto é uma das características das mulheres — fazer pasmar. E elas o têm feito muito bem.

Relembramos o início do Cristianismo na Europa. Quando São Paulo teve a visão de um homem, dizendo: “Passa à Macedônia e ajuda-nos”, navegou de Trôade através da pequena extensão de água que separa a Ásia da Europa. Mas, quando chegou, não viu nenhum homem esperando. (Os homens, às vezes, acham um meio de desaparecer em ocasiões importantes!). Ele encontrou algumas mulheres, entre as quais estava Lídia, a primeira convertida da Europa. O que São Paulo encontrou foi realmente uma Sociedade de Mulheres! E com isso, ele começou. Isso era suficiente para servir como alicerce para o Cristianismo. Dezenas de milhares de igrejas têm tido o mesmo alicerce.

O Metodismo tem tido completa participação das mulheres assombrosas. Havia Susana Wesley, a mãe dos séculos. Havia Bárbara Heck, a cujo zelo um dos primeiros começos do Metodismo na América do Norte foi devido. Em seus passos têm seguido milhões de mulheres devotadas, engenhosas e enérgicas, que têm trabalhado poderosamente, sozinhas e em grupos, no trabalho da Igreja, na América e em todas as partes do mundo.

Elas têm sido verdadeiramente a alma de milhares de Igrejas. Elas se têm unido em esforço missionário, servindo como enfermeiras em hospitais da Igreja, como diaconisas e em muitas outras atividades. A Sociedade Missionária Estrangeira de Senhoras da Igreja Episcopal foi organizada em 1869, enviando Isabella Thoburn como primeira missionária. A pequena escola que ela começou tinha que ser guardada na entrada por um rapaz armado com uma clava. Cresceu, transformando-se no primeiro colégio para moças no Oriente. A sociedade Missionária de Mulheres da Igreja Metodista Episcopal do Sul foi organizada em 1874. Os trabalhos das mulheres dessas igrejas, agora combinados de maneira feliz, têm enviado milhares de missionários dentro e fora do país e levantado muitos milhões de dólares para o sustento do trabalho. No século vinte, tanto quanto no primeiro século, pode-se dizer: “certas mulheres do nosso grupo nos assombram”.

## **FRANCES WILLARD CUIDA DO SEU PRÓPRIO TRABALHO**

Numa cidade do meio-oeste norte-americano, no longínquo 1890, uma mulher havia terminado de falar a um grande auditório que havia sido dominado pelo seu eloqüente ataque ao comércio de bebidas alcoólicas. Ela possuía uma voz suave e uma atitude calma e não parecia constituir uma ameaça para ninguém.

Um grande homem veio a ela de maneira ameaçadora, e, sacudindo o punho como se fora Júlio César, ordenou-lhe: “Cuide de seu próprio trabalho!” A mulher olhou com curiosidade. Ela não tinha medo dele.

“Estou cuidando do meu próprio trabalho”, replicou ela. “Homens, mulheres e crianças são meu trabalho, porque são o trabalho de Deus. Qualquer coisa que os espezinhe, os degrade e lhes traga pobreza, doença e vergonha, é o trabalho de Deus meu Pai e da Igreja de Deus. Você cuida do trabalho do Diabo, que é o seu próprio trabalho, e eu cuido do trabalho de Deus, que é o meu próprio trabalho!”

Essa mulher era Frances Willard, respondendo ao dono de uma casa de bebidas. Era uma das personalidades importantes do Metodismo. Era filha de um lar metodista, e, através do lar e da Igreja, ganhou uma profunda experiência e convicção religiosas. Ela iniciou sua carreira como professora, e por sua personalidade,

eloqüência, habilidade executadora e completa devoção, tornou-se uma intrépida líder em duas grandes lutas do seu tempo, erigindo a consciência da nação contra o comércio de bebidas alcoólicas e a longa batalha pelos direitos da mulher. Foi uma das primeiras líderes no trabalho da União de Senhoras da Temperança Cristã, sendo a presidente nacional em 1879. Uma das mais eloqüentes mulheres dos tempos modernos, exerceu ela uma grande influência, o que se reconhece pela colocação de um busto seu no Vestíbulo da Fama, em 1923.

Seus inimigos a chamavam: “intrometida”. E ela era isso, naturalmente. Ela intrometia-se na mente e no coração, desde que se tratasse de levar os assuntos do bem-estar humano da área das palavras para a da ação. Ela agiu mediante a teoria de que, enquanto pode ser verdade, como declarado no Livro de Provérbios, que “os maus escaparão se ninguém os persegue”, é também verdade que “eles fogem mais depressa se alguém está no seu encalço”. Ela esteve no “seu encalço” por cinqüenta anos!...

Têm aparecido lendas a seu respeito e a verdadeira mulher tem sido um tanto obscurecida pelas nuvens da adulação. Mas há fatos suficientes para fazê-la uma vida importante de influente liderança. Sua atividade retrata duas coisas: uma, a fé religiosa, gerando poder para a ação social pelo bem-estar humano; e a outra, um exemplo da guerra determinada no Metodismo contra as devastações do comércio de bebidas alcoólicas, guerra de 150 anos, ainda em curso!

## **PEGADAS DE UM LEIGO**

Muito freqüentemente, a história do Metodismo, tanto quanto a de outras Igrejas, tem sido contada de maneira a deixar a impressão de que é primeiramente a história dos pregadores. Isso tem sido quase inevitável, tanto quanto involuntário, porquanto há um grande interesse nos líderes e pioneiros do grande movimento religioso.

No entanto, nada poderia dar uma distorção maior da verdade real. A primeira igreja cristã, conforme registrado no livro de Atos, é uma história de “pessoas” de leigos, que eram o corpo e alma da igreja em seus dias de formação. Isso é verdade quanto a todas as grandes e novas ondas de experiência e ação religiosas.

É, enfaticamente, uma história de leigos. É também verdade quanto ao Metodismo.

Aqui está a história de um leigo, uma história verdadeira, que pode servir como binóculo, através do qual podemos ver a vida e serviço de milhares de leigos. É uma história que começa três gerações atrás, em Cornwall, na Inglaterra, e alcança Los Angeles, Califórnia. Não termina lá porque, como todas as histórias de vidas cristãs, ela continua.

A história começa onde tantas outras começam: com a pregação dos metodistas itinerantes na Inglaterra. Um mineiro empreitado em Cornwall se converteu. Seu filho foi trabalhar nas minas de estanho. Com seu irmão mais moço, desceu ao fundo quando um grande desabamento ocorreu. O irmão mais moço corria diretamente no caminho do desastre. O mais velho, que é o herói desta história, apanhou-o e colocou-o num lugar seguro, sabendo que o pai, um mineiro experiente, encontraria lugar protegido.

Quando, finalmente, as rochas cessaram de cair, o rapaz gritou: “Acenda uma luz, papai” Não houve resposta, O rapaz compreendeu. Dois dias depois, os rapazes foram desenterrados. O pai estava morto.

Aquele rapaz, aos dezoito anos de idade naquela época, não havia estado interessado em religião. Mas, durante aqueles dois dias em que esteve soterrado, pensou seriamente e, no domingo seguinte, à noite, foi à capela Wesleyana, e experimentou uma daquelas assombrosas e permanentes mudanças, que significam conversão verdadeira. Levou aquela experiência através de toda a sua vida. Foi para os Estados Unidos; trabalhou primeiramente em minas com suas próprias mãos. Foi para a Virgínia, Nevada, trabalhou pesado nos terríveis trabalhos no subsolo, com água quente até a cintura. Mas, apesar de tudo, sua igreja era tudo. Suas pegadas, por toda aquela vasta região oeste, deixaram uma trilha de fulgurante luz. Nunca deixou uma região de minas em que trabalhou sem deixar lá uma igreja. No princípio, ajudou a construir as igrejas com suas próprias mãos. Depois, quando o sucesso lhe adveio, e ele se tornou empregador de muitos homens, contribuiu para a construção de muitas igrejas. Aquela his-

tória continuou na Califórnia depois. Ainda continua na vida de seus filhos.

É uma nova versão da história de outro leigo, Barnabé, que era, conforme registrado no livro de Atos, “cheio do Espírito Santo e de fé”. O livro dos Atos dos discípulos de Jesus, pela graça de Deus, ainda continua.

## **ATIRANDO TINTA AO DIABO**

Diz-se que uma vez Martinho Lutero atirou um vidro de tinta no Diabo. Se atingiu ou não o objetivo, não sabemos. O que é sabido, contudo, é que a tinta tem sido um poderoso instrumento da Igreja Cristã contra todas as forças do mal. A tinta é um assombroso composto químico. Pode ser e tem sido um veneno do tipo mais virulento. Pode ser, também, um fluido com poder curador e redentor. Pode ser altamente explosivo.

As igrejas, seguindo o exemplo de Lutero, têm estado a atirar tinta em Satã, em todos os seus trabalhos, desde a invenção da Imprensa. Foi um portento de promessa o fato de um dos primeiros livros saídos da imprensa de Gutenberg ter sido uma Bíblia.

João Wesley acreditava firmemente no poder da tinta impressora e das palavras impressas. Foi um prolífico escritor e editor e logo inspirou suas sociedades com um zelo pela evangelização com palavras. E uma parte da história cristã que “no princípio era o Verbo” e, no fim, há trilhões de palavras, para levar o Verbo.

As publicações do Metodismo são um romance fascinante e importante.

É a parábola do grão de mostarda contada, outra vez, em termos de tipos e de imprensa, da oficina de um pequeno impressor aos cilindros das gigantescas impressoras. Esta história começou com a fundação do *Methodist Book Concern*, em 1789, apenas cinco anos depois de ter sido organizada a Igreja norte-americana. Esta instituição tem feito contínuo trabalho através dos anos. É chamada agora Casa Publicadora Metodista. Muitos dos livros que ela publica são distribuídos sob o nome de *Abingdon-Cokesbury Press*.

O interesse pelo livro começou com um capital emprestado de 600 dólares. O primeiro livro publicado foi a tradução feita por João Wesley do devocional clássico de Thomas à Kempis, “Imitação de Cristo”. O alforge dos itinerantes eram uma livraria ambulante, contendo bíblias, hinários, a “Disciplina” e outros livros e tratados religiosos. Durante o século XIX, quando o continente foi ocupado, lojas filiais e agências publicadoras foram estabelecidas em várias cidades, tais como Cincinnati, Chicago, Nashville, Dallas e San Francisco. Livros, periódicos da Igreja, literatura da Escola Dominical, suprimentos de todos os tipos para o trabalho na Igreja, jorraram como as quedas do Niágara.

Agora, prepare a mente para algumas estatísticas da Casa Publicadora Metodista na época presente. Você não acreditará. Quem poderia? Mas podem ser atestadas por um exército inteiro de contabilistas. Em algarismos redondos a literatura da Escola Dominical atinge 1.500.000.000 de páginas por ano, que, considerando-se como tendo 1.000 palavras por página dá um total de 1.500.000.000 palavras. (Não, o impressor não errou. É um “trilhão”). O número total de páginas do Christian Advocate impressas anualmente é, em números redondos, 580.000.000. Os maquinismos de impressão metodistas em Nashville e Cincinnati consomem cerca de três carros cheios de papel diariamente e cem toneladas de tinta por ano.

Verdadeiramente, um grande vidro de tinta para atirar no Diabo!

## **MARY REDD – MISSIONÁRIA AOS LEPROSOS**

Ela olhou atentamente para o indicador de sua mão direita. Havia uma estranha ferida nele e um constante latejamento de dor. Então ela olhou outra vez em um espelho e uma igualmente estranha mancha em uma das faces, perto da orelha. Ela estava perplexa, como também os médicos haviam estado. Então, com rapidez de um relâmpago, veio-lhe a convicção de que eram sintomas de lepra e que ela era portadora da moléstia.

A moça era Mary Reed; o lugar, seu lar, em Cincinnati, em 1890. Seis anos antes, em 1884, ela se havia apresentado voluntariamente para o serviço missionário na Índia e foi enviada pela filial de Cincinnati da Sociedade Missionária de Mulheres da Igreja

Metodista Episcopal. Ela serviu em Cawnpore e no magistério em Gonda, mas, sofrendo um abalo na saúde, foi forçada a voltar para casa.

Seria um baque aterrador a qualquer um, naquele tempo, convencer-se de que estava leprosa, porque não havia esperança de cura. Foi um choque para Mary Reed. Ela poderia repetir as palavras registradas nas Escrituras: “meus propósitos estão destruídos”. O que ela disse foi: “Estamos perplexos, mas não desesperados; abatidos, mas não destruídos”. Com sua convicção de que estava leprosa, veio uma determinação, uma dedicação: dar sua vida como missionária aos leprosos da Índia. Ela levou a efeito essa dedicação. Voltou à Índia e, depois de pouco tempo, começou seu serviço, que se estendeu por meio século no Lar dos Leprosos de Chandag Heights, sendo diretora durante a maior parte do tempo.

Tem havido uma longa controvérsia sobre a questão se Mary Reed era genuinamente um caso de lepra. Competentes autoridades, tanto de Nova Iorque como de Londres, diagnosticaram como lepra. Mas o fato médico exato não faz diferença alguma, nem na consagração ou eficiência do trabalho de sua vida. Ela julgava que tinha lepra, disseram-lhe que estava leprosa. À luz desse diagnóstico, decidiu dar sua vida para trabalhar entre os leprosos.

É uma história heróica, um pouco mais dramática, possivelmente, que muitas outras, mas somente uma dentre centenas de histórias de mulheres metodistas na linha de esplendor sem fim de vidas dedicadas.

O esplendor se reflete naquelas que saíram, naquelas que cooperaram para enviá-las para fora e sustentá-las nos seus trabalhos.

## **NA PONTA DE UM BISTURI**

Tirava-se uma coleta. Isso não era inteiramente impropriedade porquanto era uma reunião metodista. Era uma reunião missionária da Conferência de Mississípi, da Igreja Metodista Episcopal do Sul, no longínquo 1850. Uma mocinha que havia descido do Estado de Nova Iorque para ser professora em Mississípi, estava no auditório, profundamente movida pelo quadro da necessidade



das missões estrangeiras. Quando a salva da coleta passou por ela, colocou nela uma nota de cinco dólares, e uma nota em que estava escrito: “dou cinco dólares e a mim mesma, Mary I. McClelan”. Os cinco dólares eram uma grande oferta para uma jovem professora. A oferta dela mesma era infinitamente maior.

Dois ou três anos depois, a jovem estava a caminho da China, como esposa de um grande missionário pioneiro, James W. Lambuth. A viagem de Nova Iorque à China, contornando o Cabo da Boa Esperança e através do Oceano Índico, era de 26.000 quilômetros e levou cento e trinta e cinco dias. Dois meses depois de desembarcar na China, nasceu seu filho Walter Russell Lambuth, que se tornou um dos grandes estadistas cristãos do seu tempo. A longa carreira daquela mulher e também de seu filho eram parte da oferta de si mesma a Deus e às necessidades do mundo.

Walter R. Lambuth foi um “missionário de nascimento”. Cresceu na China, amava-a, falava sua língua fluentemente quando, aos cinco anos de idade, veio para os Estados Unidos para sua educação colegial na Emory e Henry College, em Virgínia, estudando depois teologia e medicina, ao mesmo tempo, na Universidade de Vanderbilt. A religião e a medicina caminhavam juntas em seus dias de colégio; seguiram juntas com Lambuth em toda sua vida. Pertenciam-se uma à outra, porquanto foram ligadas em Um que era tanto Professor como Bom Médico.

Na sua volta à China, em 1877, como missionário da Igreja Metodista Episcopal do Sul, uma das primeiras realizações do jovem médico foi a abertura de um refúgio do ópio em Xangai, dando início ao combate contra a terrível desgraça do ópio. Seu trabalho foi um sucesso marcante, tendo como um dos resultados imediatos a organização de uma sociedade contra o ópio que, com a ajuda de outras, teve mais tarde uma importante tarefa na ação de se proibir o uso e venda do ópio, e mesmo o cultivo da papoula. Outra notável realização foi o seu trabalho em Pequim, onde ele foi o pioneiro no estabelecimento de um hospital que, em certo sentido, foi o precursor do grande Hospital Rockefeller, fundado lá mais tarde. Em 1886 ele abriu a missão de sua Igreja no Japão, Desde esse tempo até sua morte em 1921, 35 anos depois, o mundo foi a paróquia do Dr. Lambuth. Foi eleito Secretário

da Sociedade Missionária, em 1904, e em 1910 eleito bispo da Igreja Metodista Episcopal do Sul. Seu ministério era “viajante”, caminhando pela América Latina, Oeste longínquo, África e Europa. Foi uma pessoa influente no crescimento da cooperação interdenominacional entre as missões. Pouco antes de sua morte, no Japão, abriu uma missão na Sibéria; um pioneiro até o seu último fôlego. Seu epitáfio bem poderia conter algumas de suas últimas palavras: “Percebo que estou fazendo minha última viagem ao Oriente. Os médicos disseram-me para não ir, dizendo que devo “entrar na faca” e em seguida ficar sessenta dias no hospital. Mas quero fundar esta missão, primeiro. Depois, estarei satisfeito”.

## **WILLIAM BOOTH E O EXÉRCITO DA SALVAÇÃO**

A igreja estava cheia, todos os lugares tomados e dificilmente haveria lugar para uma pessoa estar de pé. O edifício era a maior igreja da Nova Conexão Metodista, em Liverpool. A ocasião era a reunião da Conferência Anual; a data, verão de 1860. Na plataforma, um jovem alto, nervoso, com o rosto semelhante às pinturas hebraicas, representando os profetas, estava fazendo um fervente apelo para ser permitido tomar-se evangelista itinerante, pela Conferência Anual, ao invés de ser forçado a ministrar a uma única congregação.

Ele havia sido por anos um sensacional sucesso como pregador de reavivamentos e sentia-se chamado para aquele serviço. A Conferência era rígida. Ela recusou, por uma grande maioria, nomeá-lo como evangelista para trabalhos evangelísticos gerais e propôs-lhe um compromisso de meio expediente.

Subitamente o tenso silêncio foi quebrado pela aguda, apaixonada voz de uma moça, a esposa do evangelista, na fileira frontal da galeria: “Nunca, William, nunca!” Ele abanou a mão em sinal de concordância com ela e começou a sair do templo. Seus adversários gritaram, com raiva: “Ordem! Ordem!” Mas o jovem pregador continuou seu caminho. Encontrou sua esposa à porta da Igreja e juntos saíram, “sem um amigo e sem um níquel”, para um estranho destino que levou sua influência aos confins da terra.

O jovem era William Booth, o fundador do Exército da Salvação, e a mulher era Catarina Booth, uma das mais notáveis mulheres na história cristã. A inflexibilidade desse grupo metodista

para reter em seu devido lugar um dos mais poderosos evangelistas que Deus já levantou em uma Igreja, é um espetáculo estranho e deprimente. William Booth havia nascido e se convertido na Igreja Metodista. Na sua mocidade, em Londres, começou a pregar na rua. Mas a Igreja Metodista havia perdido muito do espírito inflamado dos seus primeiros dias e a paixão pelas almas havia sido substituída por uma triste “paixão pela respeitabilidade”. O jovem Booth, chamado à atenção por trazer a “gente sem brio” das ruas para dentro da igreja, disse que sua própria igreja “não era lugar onde obter religião”. Trabalhou com a Nova Conexão Metodista, que se havia separado da Igreja Metodista, a fim de obter maior espírito evangelístico e maior representação leiga. Assim, aqui estava uma conferência Metodista, a sucessora de um movimento fundado no evangelismo itinerante, desperdiçando um homem porque este insistia em ser um evangelista itinerante!

Talvez fosse Deus quem estivesse trabalhando porque seus pensamentos são mais elevados que os pensamentos dos homens. De qualquer forma, William e Catarina Booth começaram o trabalho evangelístico nos cortiços de Londres, que levou eventualmente à fundação do Exército da Salvação e ao incomensurável trabalho que ele tem feito por toda a terra.

Esse desenvolvimento é um exemplo do jorro da mensagem e espírito metodista para outros canais. Muitos dos primitivos associados de Booth na fundação do Exército da Salvação eram metodistas. O Exército de Salvação levou a paixão pelos “últimos, menores, e perdidos”.

## **IRMÃO VAN**

É dia 30 de junho de 1872 e o posto fronteiriço do Forte Benton, em Montana, está sendo palco de um estranho espetáculo, absolutamente novo quanto à experiência. Um jovem alto, pouco mais que um menino, com vinte e dois anos de idade, caminhava pelo beco lamacento, que era a única rua do lugar, vestido com um enorme casaco preto de pastor, uma daquelas monstruosidades denominadas “Príncipe Alberto”, que um amigo mal-orientado lhe dera quando de partida para o Oeste. Uma pesada chuva estava caindo, O jovem era William Wesley Van Orsdell, um pregador que havia chegado pelo vapor, subindo o Rio Missouri no dia

anterior. Ele havia tomado seriamente o conselho: “vá para o Oeste, jovem”, e havia percorrido todo o caminho de Gettysburg, na Pensilvânia.

Era domingo e, por isso, o jovem não perdeu tempo para começar. Obteve permissão da força policial existente para levar a efeito um serviço religioso na cabana de madeira que servia como tribunal. Ele verificou, entretanto, que o chão era lama, na qual poderia afundar-se até o tornozelo. Então, deu uma volta, procurando um lugar onde pregar. Decidiu-se rapidamente por um salão: o “Quatro Ases”. Era um dentre muitos no lugar, com um bar, onde os balconistas, equipados com armas, serviam a uma grande, e multivariada multidão. Estava cheio de roletas e outros maquinismos de jogo. Quando Van Orsdell perguntou se havia algum lugar onde ele poderia fazer um serviço religioso, o proprietário lhe disse que ele poderia realizá-lo “ali mesmo” e anunciou o pregador como um artista, uma atração!

“Senhoras e senhores, o “Quatro Ases” sente-se feliz em apresentar, pela primeira vez em Forte Benton, ou no território de Montana, um real, genuíno pregador. Todos vão ficar quietos até que ele haja terminado e o bar estará fechado por uma hora. Prossiga, pregador!”

Era um duro compromisso e uma dura multidão. Mas o pregador era duro também. Não tendo tempo para reunir seus pensamentos, mesmo para um sermão improvisado, começou a cantar “Na doce morada”, com a multidão cantando o coro, e depois, “Um Diamante na aspereza”, que Van Orsdell cantou milhares de vezes por todo o Nordeste.

Naquela manhã, alguém, na multidão, o batizou com o nome de “Irmão Van”, pelo qual ele veio a ser conhecido e amado por mais de cinqüenta anos em Montana e arredores. Sua vida foi de grande devoção e espantosa realização. Ele não somente ajudou a construir a Igreja; ajudou a construir um Estado. Foi ordenado “Presbítero Presidente”, cavalgando muitas vezes por um distrito de cerca de 1.200 quilômetros de comprimento. Aquela vida foi uma lente pela qual podemos apanhar de relance muitas centenas de vidas de pregadores, que fizeram, mesmo no deserto, um caminho para Deus.

## EXPEDIÇÃO À ÁFRICA

O evangelho de Mateus registra a primeira expedição cristã à África, com estas palavras: “O anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, e lhe disse: “Levanta-te, toma a criança com a mãe e foge para o Egito... Quando ele se levantou, tomou a criança e sua mãe, à noite, e partiu para o Egito.” (Mateus 2.13-14). O Egito, na África, foi uma casa de refúgio para Cristo.

Tem havido muitas expedições cristãs à África desde aquela vez e, pela graça de Deus, haverá muitas mais, Todavia, é duvidoso se já houve outra mais extraordinária e dramática, em muitos sentidos, que a tarefa missionária empreendida por dois grandes homens: o bispo Walter R. Lambuth, médico e missionário extraordinário, e João Wesley Gilbert, um negro culto, professor e missionário, cuja vida e caráter depositaram um brilho novo ao nome que possuía, João Wesley. Esta aventura foi um notável exemplo de cooperação inter-racial e interdenominacional, entre a Igreja Metodista Episcopal do Sul e a Igreja Metodista de Negros, que a Igreja Metodista do Sul havia criado e à qual dava contínua ajuda.

A história começa na pequena cidade de Hepzibah, na Geórgia, com o nascimento de um bebê em um lar de negros. Seus pais, Gabriel e Sara Gilbert, deram-lhe o nome de João Wesley, algo pelo que viver! O pequeno era brilhante e tinha uma paixão pela educação. Foi o primeiro estudante a matricular-se no Colégio Paine, em Augusta, na Geórgia, uma escola para negros, que a Igreja Metodista Episcopal do Sul havia ajudado a erigir em comunhão com a Igreja Metodista de Negros, para suprir a grande necessidade de boas escolas para o povo negro. Professores abriram a mente privilegiada do jovem Gilbert e foi-lhe possível ir à Brown University. Depois de sua graduação, ganhou uma bolsa para um ano de estudos na Grécia. Ao voltar, tornou-se professor no Colégio Paine. A Igreja Metodista Episcopal do Sul decidiu abrir uma missão na África e pediu ao bispo Walter R. Lambuth para começar o trabalho. Pediu-se à Igreja Metodista de Negros para enviar um homem, visto que a missão fora planejada em cooperação. O Dr. João Wesley Gilbert apresentou-se como voluntário. Assim, Lambuth e Gilbert foram juntos como camaradas do serviço de Cristo. Isso foi em 1911.

Juntos, caminharam mais de 1.500 quilômetros. Era um país sem estradas, onde leões e leopardos, crocodilos e hipopótamos estavam geralmente entre os presentes e o mortal mosquito e a mosca tsé-tsé ameaçavam suas vidas. Passaram através de regiões habitadas por canibais e onde o povo nativo conhecia os brancos somente para odiá-los e destruí-los. Levavam consigo uma tenda, macas e alimento. Finalmente, chegaram a uma cidade no coração do Congo Belga (hoje Zaire), no centro da África. Um chefe os convidou para abrir uma missão e os planos foram traçados. João Wesley Gilbert faleceu logo após sua volta à América, sendo a causa aparente de sua morte uma doença africana contraída na floresta. Mas sua influência continuou a sobreviver, como também a do seu companheiro-missionário, o bispo Lambuth, em uma grande herança de inspiração.

## **O CREDO SOCIAL DAS IGREJAS**

É uma parábola velha, muito velha, mas nunca perde seu espírito. Havia uma vez uma cidade na qual um despenhadeiro muito íngreme estava continuamente fazendo vítimas, que caíam de grande altura. Muitos cidadãos de bom coração foram tocados com simpatia por causa desses chocantes acidentes e mantinham uma ambulância ao pé do desfiladeiro, de maneira que os feridos pudessem ir a toda a pressa para o hospital para tratamento. Depois de muitos anos, algumas pessoas da cidade sofreram um agudo ataque de bom senso e disseram: “A ambulância ao pé do desfiladeiro é um serviço bom e misericordioso, mas por que não construir uma barreira no topo do desfiladeiro e prevenir os acidentes?” A barreira foi construída.

Isso, em essência, pinta a visão ao coração do grande despertamento no começo do século XX, entre as Igrejas, pela necessidade de ação social tanto quanto pela ajuda individual das pessoas. Elas viram a necessidade de prevenção contra males sociais, tanto quanto de assistência às vítimas. Como alguém disse, concisamente: “Se o Cristianismo não começa com o indivíduo, termina”

A Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal reuniu-se em Baltimore, em 1908. Reuniu-se em uma época de grande fermentação social. O trabalho de crianças e outras formas de explo-

ração continuavam. Os cortiços aumentavam nas cidades. A necessidade para luta ativa contra aqueles males foi tornando-se profundamente sentida. À Igreja Metodista Episcopal pertence a honra de haver feito a primeira declaração em questões sociais e uma convenção da Igreja, na Conferência Geral de 1908. Essa ação foi uma marca do progresso do sentimento social e do pensamento da Igreja, tendo um forte efeito em todo o corpo das Igrejas protestantes na América do Norte. A Conferência Geral adotou uma relação na qual estava incluída uma lista dos Direitos Humanos. Isso tornou-se conhecido como “O Credo Social da Igreja Metodista Episcopal”. Mais tarde, naquele mesmo ano, o Concílio Federal das Igrejas de Cristo na América foi organizado, representado por trinta e três denominações protestantes. Como uma de suas primeiras ações, esta organização adotou, em forma mais ampla, o Credo Social dos metodistas, que se tornou conhecido como “O Credo Social das Igrejas”.

Ele declara que as Igrejas lutam por direitos iguais e justiça para todos os homens; a abolição do trabalho das crianças e a regulamentação do trabalho das mulheres; redução da pobreza e do tráfico de bebidas alcoólicas; por um salário suficiente e o direito de os trabalhadores unirem-se; pela maior divisão eqüitativa dos produtos da indústria e uma nova ênfase na aplicação dos princípios cristãos à aquisição e uso de propriedade. Como declararam os bispos da Igreja Metodista Episcopal do Sul, em 1926: “Um fato importante na vida e trabalho do mundo hoje é a firme, irresistível tradução em vida dos indivíduos e sociedades organizadas, dos ensinamentos de Jesus, referentes à verdade central da irmandade humana”.

## **A DESCOBERTA DA CRIANÇA**

O Cristianismo, como fator na história mundial, começou com a descoberta da Criança. Há dois memoráveis registros desse fato; um em Mateus 2.9-11: “E eis que a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. E eles, vendo a estrela, alegraram-se muito com grande e intenso júbilo. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe e, prostrando-se, o adoraram”. O segundo está em Lucas 2.16: “E foram apressadamente e acharam Maria e José e o menino deitado na manjedoura”.

Um dos grandes eventos na vida das igrejas nos séculos XIX e XX foi a descoberta da criança. Em outras palavras, o crescimento da Escola Dominical e a nova compreensão que as igrejas tiveram de sua responsabilidade e oportunidade na educação cristã das crianças marcou uma nova época na história cristã.

O século XIX aumentou de maneira aterradora a urgência dessa tarefa de preparar a mocidade, porque poderes gigantescos do mal também descobriram a criança. Hitler e os nazistas descobriram a criança; cedo descobriram o tremendo poder que há em formar a mente da juventude. As organizações de jovens e Hitler moldaram e mutilaram as mentes de milhões de crianças, preparando-as para guerra. As organizações comunistas da mocidade, moldadas nos mesmos padrões sinistros, estão fazendo o mesmo com viciosa eficiência. As Igrejas de Cristo precisam descobrir a criança porquanto o futuro do Cristianismo e do mundo está estreitamente ligado com as mentes de milhões de crianças e jovens.

O Metodismo começou bem cedo com o trabalho de educação de crianças. João Wesley não poderia ser qualificado como psicólogo de crianças. Não foi semelhante à sua mãe nisso. Ele nunca compreendeu a necessidade de uma criança brincar e recriar-se construtivamente; mas ele tinha uma visão clara da necessidade de preparo religioso das crianças. Nas atas da Conferência de 1768, há uma nota de assombrosa perspicácia. Os resultados daquele ano haviam sido comparativamente pequenos. À pergunta: “que podemos fazer pela geração que se levanta?” foi dada a resposta:

“A menos que possamos responsabilizar-nos por ela, o presente reavivamento durará apenas a idade de um homem”. Aqui está a vívida apreensão de uma profunda e impressionante verdade, que o mundo está sempre uma única geração distante do paganismo. Se esta calamidade é impedida, é devida em parte à educação religiosa.

A Escola Dominical de Hanna Ball, membro da Sociedade Metodista em High Wycombe, foi iniciada quatorze anos antes da de Roberto Raikes, que começou seu trabalho em Gloucester. Suas escolas, e outras que logo se seguiram, não somente vieram antes das de Roberto Raikes, como, também, diferiram em um ponto vital: aquelas eram escolas religiosas, ao passo que as de



Raikes eram seculares, no começo, pelo menos. No Metodismo norte-americano, a Escola Dominical tem desfrutado lugar de primeira importância. O bispo John H. Vincent contribuiu poderosamente para o desenvolvimento do movimento da Escola Dominical e para o melhoramento da educação religiosa. O mesmo pode ser dito com referência ao Dr. H. M. Hamill, da Igreja Metodista Episcopal do Sul. As dimensões das realizações podem ser tomadas numa vista de olhos em uma estatística – o número de alunos da Escola Dominical da Igreja Metodista, em 1950, é superior a 5.800.000. Melhor que tudo, anos recentes têm visto um decréscimo anual transformado em um aumento substancial. E o movimento, há muito tempo (de fato, quase no começo) reconheceu as necessidades dos jovens e adultos e organizou-se para satisfazer essas necessidades.

## **PELO DIREITO DE CONHECER MEU PRÓPRIO FILHO**

Um ministro metodista estava conversando com um operário que trabalhava com aço em uma cidade perto de Pittsburg. Era durante os tensos dias da grande greve do aço, em 1919. Esse ministro era o presidente de um comitê organizado para investigar a greve do aço, nomeado por uma organização composta pela maioria das Igrejas protestantes dos Estados Unidos – o Movimento Mundial Intereclesiástico. O comitê procurava informação de primeira mão de todas as fontes.

O ministro perguntou ao operário por que ele estava em greve. O trabalhador permaneceu calado por um momento e depois começou a falar: “Alguns meses atrás enterrei minha filhinha de seis anos de idade. Ao permanecer junto ao túmulo, olhando para o caixão, subitamente, ocorreu-me que realmente eu não conhecia minha filha. Eu trabalhava num período de doze horas diárias. Deixava a casa antes de ela estar acordada e, quando voltava, geralmente, ela estava na cama. Assim, eu não a conhecia. Estou fazendo greve pelo direito de conhecer meus próprios filhos”.

A última sentença evidencia com clareza e força um caso para a aplicação social dos ensinamentos cristãos.

Um dos grandes tópicos da greve era o dia de trabalho de doze horas. O relatório feito pelo comitê e corajosamente publicado pelo Movimento Intereclesiástico habilitou multidões a ver os

pontos éticos envolvidos e os efeitos, físicos, sociais e espirituais do dia de doze horas. Este relatório foi um grande instrumento que ergueu a consciência da nação. O dia de doze horas foi abolido.

Isso é somente um exemplo de ação social em cooperativismo, em que o Metodismo tem participado e continua a participar. Tem a sanção da alta tradição. O profundo interesse pelo povo é vivamente retratado em Jesus, permanecendo na estrada e observando a procissão das necessidades humanas passar. “Quando Ele viu a multidão, teve grande compaixão deles, por que andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não têm pastor.” (Mateus 9.36).

Esse interesse social está enraizado também em uma das grandes contribuições do primitivo Metodismo: sua descoberta dos pobres. Wesley era um Robinson Crusoe espiritual que descobriu na paisagem inglesa não uma pegada somente, mas as pegadas de milhões de defraudadas e sofredoras pessoas — mulheres e crianças.

## **UNIÃO DO METODISMO - 1939**

Há um quadro que está indelevelmente traçado na memória de centenas que o viram, e de milhões que têm visto fotografias dele e que leram a seu respeito. E o de três homens em pé numa plataforma, apertando-se as mãos na presença de uma multidão encantada. O lugar era um grande átrio em Kansas, em maio de 1939 na Conferência para a união das três igrejas metodistas, formando então, a Igreja Metodista. A cena era o dramático fim de uma longa e árdua jornada em direção à união das três igrejas metodistas.

Um dos homens representava a Igreja Metodista Episcopal, outro representava a Igreja Metodista Episcopal do Sul do Sul e o terceiro a Igreja Metodista Protestante. A Igreja Metodista Protestante havia existido desde 1830, a Igreja Metodista Episcopal do Sul, desde 1845; agora, podiam cantar juntas, na verdade:

“Não estamos divididos,  
Somos todos um só corpo”.

Era o ponto culminante de uma longa história. Toda a honra às almas sentinelas que “entre trabalhos e por tribulações” nunca

desanimaram na esperança e tarefa de produzir uma reunião do Metodismo.

A nota dominante da reunião não era o passado mas o futuro. A ordem era: “Olhos para a frente!” Havia um forte senso de responsabilidade de uma grande força potencial. A recém-formada Igreja Metodista tinha um rol de membros superior a oito milhões. Este senso de responsabilidade foi evidenciado pelo fato de que a primeira grande empresa da Igreja unida foi o lançamento de um novo movimento, que duraria quatro anos: a Cruzada por Cristo. Era um investimento de serviço em uma hora tumultuosa de crise, necessidade e oportunidade mundiais. Procurou aprofundar as fontes de vida espiritual e aumentar o sustento financeiro de serviço mundial. Mostrou a determinação da Igreja para “tirar do passado, não suas cinzas mas suas labaredas”.

A Cruzada por Cristo foi continuada por outro grande movimento: O Avante por Cristo e sua Igreja, O propósito do Avante é um contínuo aumento de Serviço mundial, um fortalecimento de laços de irmandade através de missões ao redor do mundo.

## **O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS**

Um novo tipo de parada estava se formando nas ruas de Amsterdã, em 22 de agosto de 1948, um domingo. Nosso mundo tem visto muitas paradas, desde os dias quando os primitivos selvagens, armados com clavas de pedra, partiam para uma expedição de pilhagem, até os dias das armas aéreas, em formação de gansos selvagens, nos céus. Mas o mundo jamais viu uma parada como essa de Amsterdã.

Representantes de, praticamente, todos os ramos do Protestantismo mundial se reuniram para formar o Conselho Mundial de Igrejas e participar de sua primeira Assembléia. Observe, em imaginação, essa parada formar-se naquele domingo à tarde, em frente ao Palácio Real, marchando para o culto, na histórica Nieuwe Kirk. Há uma mistura colorida de vestimentas, costumes nacionais e trajes oficiais, em muitas cores, salpicadas de verme lho, púrpura, amarelo e azul. Havia cabeças descobertas e cabeças com turbantes, capas de veludo e barretes. Havia colarinhos frisados em clérigos escandinavos, fazendo-os parecer-se com retratos de Rembrandt, barbas compridas e capuzes pretos em cléri-

gos ortodoxos do Oriente; colarinhos redondos, ligaduras de Genebra, cruzes no peito.

Esta parada de representantes das Igrejas do mundo levou vinte minutos para alcançar a igreja de Amsterdã. Com a ajuda de Deus, os resultados daquela reunião durarão vinte séculos.

Muito propriamente, o hino de abertura do Conselho Mundial foi: “Todos os povos que habitam na terra”. A organização foi formada e a constituição adotada. O espírito e a tarefa foram bem expressas nas palavras de um grande profeta da comunhão e cooperação mundial: “Estamos entrando no período mais exigente da história da Igreja. Exigirá toda capacidade administrativa, toda capacidade eclesiástica, todos os estadistas, todos os membros da Igreja e todo espírito de sacrifício de todos nós.” Mas, para aqueles que acreditam na suficiência de Cristo, nenhuma porta está fechada, oportunidades ilimitadas estão abertas, precisamente porque estamos enfrentando, sob a liderança de Cristo, a maior concentração dos maiores problemas não resolvidos que já fomos chamados a resolver”.

O Metodismo tem cooperado de maneira completa nesta maior aproximação do cumprimento da oração de Cristo “que eles sejam um”. Nesta distribuição de uma empresa comum, cumpre-se o desejo de João Wesley em suas palavras: “Desejo uma liga ofensiva e defensiva, com todo o soldado de Jesus Cristo”.

## **A PRIMEIRA SEMENTEIRA**

Coube ao Metodismo a honra do primeiro esforço, em tempos modernos, para implantar o Evangelho no Brasil.

A cidade imperial de São Sebastião do Rio de Janeiro ainda estava envolvida em brumas na manhã de 19 de agosto de 1835, quando um veleiro norte-americano lançou ferros nas águas límpidas da baía de Guanabara. De súbito, ao seu redor, coalhou-se a água de botes, caíques e pequeninas embarcações de toda espécie, que ali estavam para transportar passageiros e frete para a terra firme.

Procurando equilibrar-se em pé no caíque que dançava à mercê das ondas, um jovem de porte esbelto, olhar inteligente e

rosto de linhas nórdicas, ajeitou a sua bagagem, fez uma prece e mandou que dois robustos africanos acionassem os remos.

Fountain E. Pitts, ao saltar no cais do porto naquela manhã de agosto, iniciava na pátria brasileira mais um capítulo da “linha de esplendor sem fim”, como primeiro missionário metodista no Brasil.

Evangelista consagrado, procurou logo casas particulares de membros da colônia inglesa e norte-americana da Corte, como era então chamada a capital do país, e formou uma congregação. Mas a sua preocupação real era com o estado espiritual dos brasileiros. Abismado com a tragédia da idolatria, da ignorância da Bíblia e da imoralidade do clero católico-romano no Brasil, Pitts voltou aos Estados Unidos, a fim de apelar para que fossem enviados imediatamente mais missionários para ocupar, em nome de Cristo, a terra do Cruzeiro do Sul.

A Igreja-Mãe, iluminada por essa visão, enviou sem demora quatro missionários. Os mais famosos por terem sido os mais agressivos – foram Justin Spaulding e Daniel P Kidder. Tão valioso foi o acervo de cultura, perspicácia sociológica e espírito evangelístico destes dois homens que uma obra escrita por Kidder há mais de cem anos foi há pouco traduzida e reeditada pelo Instituto Geográfico e Histórico do Brasil, graças ao retrato fiel que pinta de nossa terra em seus primeiros anos de independência política de Portugal. Trata-se de “Reminiscências de viagem e permanência no Brasil”.

Embora Kidder mencione nesse livro conversações mantidas com padres liberais, interessados na difusão da Bíblia e na renovação espiritual da Igreja, a maioria não podia ser assim caracterizada. Muito ao contrário, caracterizava-os o cônego Luís Gonçalves dos Santos que, em “Memórias da História do Reino do Brasil”, assim falou dos bravos pioneiros do Metodismo no Brasil:

“Como é possível que na Corte do Império da Terra de Santa Cruz, à face do seu Imperador e de todas as autoridades eclesiásticas e seculares, se apresentem homens leigos, casados e com filhos, denominados missionários? Coisa incrível!... Estes intitulados missionários estão há perto de dois anos entre nós, procurando com a atividade dos demônios perverter

os católicos, abalando a sua fé com pregações públicas na sua casa, com escolas semanárias e dominicais, espalhando Bíblias truncadas e sem notas, enfim, convidando a uns e a outros para abraçarem a seita dos metodistas, de todos os protestantes os mais turbulentos, os mais relaxados, fanáticos, hipócritas e ignorantes...”

Esse foi o batismo de fogo no Brasil!

Kidder e Spaulding viajaram por todo o país, do Estado de São Paulo ao longínquo Pará, distribuindo Bíblias, pregando o evangelho e fazendo a sua sementeira. Em 1839, Kidder alcançou São Paulo. Era o primeiro pastor protestante a chegar ao centro jesuíta do planalto brasileiro. Assim descreveu o acontecimento em seu diário:

“Perto do meio-dia cheguei a São Paulo. É uma das cidades mais velhas do novo mundo, tendo sido fundada pelos jesuítas em 1554. Por muitas circunstâncias distingue-se na história da América do Sul e é, provavelmente, dentre todas as outras cidades e vilas, a que melhor responde à idéia dos espanhóis quanto ao mitológico Eldorado. Pois, embora não calçada de ouro, o ouro, em pequenas partículas, é, às vezes, encontrado em seixos e nos interstícios dos paralelepípedos.

A população, embora os dados sejam vários, foi relatada no último recenseamento como menos de dez mil. Os edifícios da cidade são em geral muito bons, mas as ruas são tremendamente irregulares. Há três grandes conventos e dez ou doze igrejas. Um dos conventos foi desapropriado pelo governo para servir ao “Curso Jurídico”, ou Faculdade de Direito, uma instituição do mais alto grau no império. Igual, somente há outra, isto é, a de Olinda, perto de Pernambuco”.

Daniel Kidder trazia cartas de apresentação ao Dr. J. M. d’Avellar Brotero, reitor da Faculdade de Direito, que o recebeu fidalgamente. Por intermédio do ilustre doutor, Kidder foi apresentado ao ex-regente Feijó, aos irmãos de José Bonifácio, de nomes Martim Francisco e Antônio Carlos de Andrada, ao Bispo Moira, bispo eleito do Rio de Janeiro – cuja eleição o Papa recusou a confirmar e a muitas outras pessoas de destaque da época.

De São Paulo, Kidder continuou viagem para o interior, atingindo as cidades de Itu e Sorocaba. Viu então, ainda melhor, as necessidades espirituais das terras paulistas. As poucas Bíblias que trouxera consigo foram disputadas pelas amizades que ia formando. Veio-lhe, então, a idéia de formar uma pequena biblioteca de uma dúzia de Novos Testamentos em cada escola pública do Estado. Quando voltou a São Paulo, consultou o Dr. Brotero sobre a viabilidade desse plano. O ilustrado professor mostrou-se encantado com a idéia e sugeriu que Kidder a apresentasse à Assembléia Legislativa do Estado.

E assim foi feito. No dia 29 de fevereiro de 1939, Kidder recebia o seguinte documento:

“Eu vos informo que a Assembléia Legislativa desta província recebeu com satisfação toda especial a vossa oferta de cópias do Novo Testamento traduzidas pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo, e que a Assembléia tomará deliberação sobre o mesmo, que será comunicada a V Excia. Deus vos preserve.

Miguel Eufrázio de Azevedo Marques.

Palácio da Assembléia Provincial, São Paulo, 20 de fevereiro de 1839”.

Apesar da boa vontade que todos os legisladores haviam revelado em conversa particular com o Rev. Kidder, vinte dias depois o pastor metodista recebia esta comunicação:

“Devido a folhetos que têm aparecido aqui recentemente, publicados no Rio de Janeiro, os bispos têm proibido a distribuição de Bíblias nas escolas públicas. Eu vos informo desta circunstância para que não mandeis buscar as Bíblias, conforme vossa intenção.

(Assinado) J. M. d’Avellar Brotero.

São Paulo, 10 de março de 1839”.

Assim, por interferência eclesiástica, os pioneiros do Metodismo no Brasil não puderam fazer uma contribuição que teria, possivelmente, mudado os rumos do grande Estado de São Paulo e, através dele, da nossa própria Pátria.

Em 1841, terminou esta primeira etapa da obra metodista no Brasil. A cidade do Rio de Janeiro, apesar de capital, era uma das cidades mais doentias do Brasil. Febre e epidemias de toda a es-

pécie tinham ali campo propício para a sua procriação, devido ao clima e às precárias noções de higiene de então. Cynthia Harriet Kidder, estremada esposa do Rev. Daniel P Kidder, foi a primeira vítima da trágica capital. Faleceu em 1840 de febre amarela, forçando o seu esposo a voltar aos Estados Unidos com o seu filhinho nos braços.

O impaludismo, as disenterias amebianas, haveriam de dizimar as forças dos demais missionários. E, em 1841, o Rev. Spaulding e família voltaram para sua terra natal, fechando este capítulo da história.

E não foram substituídos de imediato, pois já se esboçavam as nuvens da guerra civil que dividiria os Estados Unidos em dois campos antagônicos e dividiria a Igreja-Mãe em dois ramos – Norte e Sul, Só depois dessa luta fratricida é que Deus recomeçaria o fio de sua meada de “esplendor sem fim” em terras brasileiras.

## **NOVO COMEÇO... PARA UMA GLORIOSA CONTINUIDADE**

Uma luta fratricida é a pior das lutas. Se o amor entre irmãos é dos mais sublimes, o ódio entre os irmãos é dos mais trágicos! E na guerra civil que abalou os Estados Unidos, em meados do século XIX, nem a própria Igreja conseguiu estancar o ódio, pois foi imolada também no altar da luta, numa cisão que a dividiu em dois grandes ramos: as Igrejas do Norte e as do Sul.

Derrotados os sulistas, depois de uma luta que lhes custou todos os seus haveres, muitos milhares resolveram abandonar o seu torrão natal e procurar uma nova Canaã tendo como requisito máximo, causa de sua luta, a possibilidade de manter os seus próprios escravos, O Brasil, país escravagista, convidou-os por intermédio do imperador D. Pedro II, para que viessem se estabelecer aqui. E mais de dois mil imigrantes aceitaram a sugestão, fundando colônias na Amazônia, no litoral do Espírito Santo, Estado do Rio e no interior paulista. Mas, destas colônias, apenas uma haveria de vingar. Era a que havia trazido o seu pastor!

Enquanto outras colônias foram divididas por problemas vários, a de Santa Bárbara, no Estado de São Paulo, sob a orientação moral e espiritual do pastor metodista Junius E. Newman, lançava raízes e se identificava com a terra.



Por falta de outras acomodações, o Rev. Newman transformou um botequim de sapé e chão batido no seu primeiro templo. Dentro de um ano a igreja já tinha 50 comungantes e grande fervor espiritual.

Sentindo a necessidade espiritual do povo brasileiro, como Pitts, Kidder e Spaulding já haviam sentido na missão anterior, Newman bradou à Igreja do Sul, nos Estados Unidos, para que enviasse obreiros para a seara brasileira. Seu apelo foi atendido com a vinda do Rev. J. J. Ransom. Consolidando o trabalho entre os norte-americanos da colônia de Santa Bárbara, o Rev. Ransom dirigiu-se ao Rio de Janeiro para reorganizar o trabalho na Corte Imperial. Os únicos restantes da congregação metodista de 25 anos antes eram os componentes da família Walker. Mas, em breve, Ransom conseguia reunir uma congregação de quarenta pessoas. Uma grande vitória para a pequena igreja foi a recepção dos dois primeiros brasileiros à comunhão da fé. Um deles foi o ex- padre Antônio Teixeira de Albuquerque.

Novos obreiros vieram logo reforçar a missão. Eram eles os Revs. J. W. Koger e J. L. Kennedy e miss Martha Watts. Todos os três foram enviados a Piracicaba. Nesse tempo, a linda cidade paulista era um lugarejo sem ruas calçadas, mal iluminadas com lampiões a querosene que, em ocasiões de lua cheia, nem eram acesos. A primeira preocupação de todos foi aprender o português. No dia 2 de setembro de 1881, organizou-se a Igreja Metodista de Piracicaba com 9 membros, e no dia 13, miss Martha Watts abriu o agora famoso colégio Piracicabano.

Em setembro de 1882, foi inaugurada a capela da igreja do Catete, que deverá ser conservada para sempre como relíquia histórica, pois é o primeiro templo metodista construído no Brasil. Era um edifício de alvenaria de certa elegância e que proporcionou grande alegria aos poucos crentes da Corte, que assim ficavam abrigados definitivamente no seu próprio templo e não sujeitos aos caprichos de quem lhes alugasse casa. Essa capela deu grande impulso ao trabalho.

Em outubro de 1883, o Rev. Ransom iniciou o trabalho metodista em São Paulo, para no ano seguinte organizá-lo em igreja, com quatro membros. O seu primeiro pastor efetivo, seria mais

tarde eleito o primeiro bispo da Igreja Metodista brasileira, J. W. Tarboux.

No mesmo ano, o Rev. Ransom começou, no Rio de Janeiro, a publicação de dois periódicos para a Escola Dominical, intitulados “A nossa gente pequena” e “A Escola Dominical”, que muito fizeram pela eficiência do trabalho das escolas e foram os precursores das nossas revistas de hoje e do grande trabalho da nossa Imprensa Metodista.

A cidade seguinte a ser alcançada foi Juiz de Fora. Ali, os missionários alugaram um casarão de dois andares, fizeram muita visitação e propaganda e anunciaram o primeiro culto. No dia, o salão encheu-se. Mas qual não foi a surpresa de todos quando, em meio do culto, o padre local e uns trinta desordeiros invadiram o recinto, gritando e atirando pedras! Houve pânico e em poucos instantes só restavam o pastor e sua família no salão. Este fato causou tamanha indignação em Juiz de Fora que o padre teve que fugir... mas os metodistas ficaram e cravaram fundo no torrão mineiro a estaca do Evangelho.

Em 1885, iniciaram-se as obras de construção do monumental templo metodista de Piracicaba. No tempo de sua construção ainda existia a monarquia e a Igreja oficial era a Católica Romana. Para protegê-la, existia uma lei morta de séculos anteriores que proibia as pessoas de religiões dissidentes terem igrejas com a forma exterior de templo. Contudo, as autoridades civis de Piracicaba, homens liberais e de espírito republicano, como Prudente de Moraes Barros, aprovaram a planta de nossa igreja, que trazia uma belíssima torre. O então padre Galvão, vigário local, não queria de forma alguma que fosse construída a igreja, e apelou à Câmara da cidade, obtendo a seguinte resposta: “Nós já aprovamos a planta com torre; como poderemos agora obrigar os Protestantes a desmanchá-la?”

O padre apelou então para as autoridades estaduais. Mas foi em vão. As obras foram concluídas e a bela torre apontada para os céus ficou como marco da cidade de Piracicaba e testemunho mudo do poder do Evangelho.

Enquanto a Igreja do Sul dos Estados Unidos atendia ao clamor de Junius Newman, a Igreja do Norte inspirava-se na in-

vestida missionária do Dr. João C. Correia, pastor metodista uruguaio que, partindo do seu país, levou as novas do evangelho ao Estado do Rio Grande do Sul e sua capital de Porto Alegre. Em 1885, foi organizada a primeira igreja na capital gaúcha.

Pouco depois, no mesmo ano, era fundado o Colégio Americano, com 187 alunos. Na região colonial do Rio Grande, os metodistas encontraram imigrantes italianos de fé valdense, que se organizaram em igrejas. Em Forquete, esses irmãos adquiriram uma capela romana, tiraram os altares e santos, pintaram-na novamente e nela iniciaram o culto verdadeiro, em espírito e em verdade. Em 1889, as Igrejas-Mães do Norte e do Sul, hoje reunidas, entraram num acordo e este trabalho metodista foi ligado ao restante da Igreja radicada em São Paulo, Rio e Minas, tudo sob a orientação da Igreja Metodista Episcopal do Sul.

A entrada do século XX viu o crescimento cada vez maior da Igreja no Brasil. Em 1900, já estavam arrolados 2.774 membros e 65 pregadores. Em 1910, esse número aumentara para 6.778 membros e 69 pregadores.

Nesse passo, era natural que viesse o dia quando fosse mutuamente de interesse à Igreja-mãe e à Igreja brasileira que se estabelecesse a autonomia administrativa da última, passando o peso dessa responsabilidade às costas da Igreja no Brasil. Isso se deu em 2 de setembro de 1930. Foi eleito, então, o primeiro bispo da Igreja Metodista do Brasil, honra esta que coube ao reverendo J. W. Tarboux, em gesto de reconhecimento e gratidão aos missionários que se desgastaram no início da obra no Brasil. Quatro anos depois, foi eleito primeiro bispo brasileiro o reverendo César Dacorso Filho.

Sob a orientação firme do bispo César, a Igreja descentralizou-se, saindo dos limites dos Estados do Rio, Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, para tomar conta dos Estados do Espírito Santo, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina. E nasceu o alvo do Metodismo brasileiro de ocupar uma capital brasileira por vez, até cobrir todo o território nacional.

Em 1946, com o aumento da responsabilidade administrativa da Igreja, o Concílio Geral elegeu três bispos — um para cada Região Eclesiástica.

Em 1955, a Igreja chegava ao seu concílio máximo com 40.500 membros, 320 igrejas e 210 pastores; mas estas estatísticas dizem pouco da influência para o bem desta “linha de esplendor sem fim”.

E prova-o o seguinte fato:

Recentemente, no recenseamento do município de Alegrete, no Rio Grande do Sul, onde temos uma igreja com 500 membros, mais de 2.000 pessoas declararam-se como “metodistas”, na coluna denominada “religião”.

Se em Alegrete, para cada metodista professo, há quatro não professos, qual será a porcentagem para todo o Brasil?

E a semente da parábola que, plantada em terra boa, germina e produz quatro vezes mais do que fora contado!...

## **ONDE IRRADIA A LUZ**

Piracicaba brilhava ao sol naquele dia de maio de 1881 quando o trem de São Paulo encostou na estação, deixando fugir um longo suspiro, num bafo de vapor que anunciava mais uma viagem que chegara ao seu fim.

Três pessoas, obviamente estrangeiras, desceram do trem. Eram dois homens e uma mulher. Os três despertaram logo a curiosidade do povo piracicabano, que sempre encontrava na chegada do trem da capital um motivo para sacudir a morosidade da cidade provinciana e pacata.

O que mal sabiam é que aquela mulher de saia larga e blusa de renda iria convulsionar Piracicaba de maneira extraordinária, lançando bases para uma reforma educacional que serviria de modelo para o ensino de todo o Estado de São Paulo.

Chamava-se Martha Watts. Missionária convicta, dedicou-se logo a aprender a língua portuguesa e, em quatro meses, julgando-se apta, reuniu mais duas professoras locais e anunciou a instalação do Colégio Piracicabano. A abertura oficial deu-se no dia 13 de setembro, com uma aluna matriculada! Numa época em que as meninas da alta sociedade aprendiam em casa bordado e francês, a idéia de irem a um colégio (e um colégio protestante!) era fantástica!

Mas se as comadres pensaram que miss Watts haveria de desanimar com isso, é porque não avaliaram a firmeza do seu caráter e a persistência de sua vontade. Por isso, as três professoras dedicaram à sua única aluna a mesma atenção que teriam dado fosse a sua classe composta de uma centena.

E sem esmorecimento, miss Watts começou a procurar uma propriedade para nela estabelecer definitivamente a sua escola recém-fundada. Encontrou, para esse fim, um terreno de esquina que havia servido de antiga praça de touradas, e aí mandou construir o primeiro edifício do colégio.

Vendo essa persistência, a população de Piracicaba rendeu-se. E a aluna que sozinha havia recebido as ministrações das três professoras dedicadas por mais de três meses, ganhou suas primeiras coleguinhas.

No prédio novo, usando métodos pedagógicos até então desconhecidos no Brasil, miss Watts granjeou para a sua escola a fama de melhor da cidade e, com isso, as filhas e filhos das melhores famílias do lugar. Entre os pais dos alunos, estavam os dois irmãos Morais Barros, um dos quais haveria de ser, mais tarde, presidente da República. Deve-se à amizade que miss Watts formou com esses ilustres patrícios a extensão de seus métodos pedagógicos ao ensino público em São Paulo e a defesa que a Igreja e suas instituições sempre tiveram por parte desses dois irmãos, quando atacadas.

Sim, porque o Colégio Piracicabano iria tornar-se numa “causa célebre” da luta pela educação liberal e acatólica no Brasil. Em 27 de janeiro de 1887, o Dr. Abílio E. Vienna, então inspetor escolar, aproveitando-se da ausência de miss Watts, em ano de férias nos Estados Unidos, enviou um *ultimatum* à reitora-substituta, miss Bruce, por instigação das autoridades romanas, com duas exigências que destoavam completamente dos princípios básicos da escola. A primeira era a da exclusão de todos os rapazes acima de dez anos; a segunda exigência era a da inclusão no rol de professores de alguém para ensinar a religião do Estado, que naquela época imperial, era a católica romana.

Essa tática dos inimigos do colégio acabou desabando sobre as suas próprias cabeças, pois os fatos foram publicados aos qua-

tro ventos e brasileiros que até então não tinham sequer ouvido falar no Colégio Piracicabano apressaram-se em protestar contra a perseguição dos que se haviam escondido atrás da inspeção oficial.

Já ardiam, então, os fogos do liberalismo republicano e, com mais esta demonstração de opressão católica romana, os líderes do povo se revoltaram, forçando a saída do inspetor do cargo que ocupava.

Expressando a opinião pública, O País, um dos principais jornais diários do Rio, publicou em 4 de fevereiro de 1887 a seguinte crônica:

“Há em Piracicaba, província de São Paulo, um colégio de instrução primária e secundária, dirigido por diretores acatólicos, que pela excelência do seu ensino tem merecido a confiança dos pais de família... Pelos serviços que presta e pelos bons resultados da educação que dá, aquele estabelecimento de instrução tem progredido muito, demais até, porque a concorrência dos colegas tonsurados que cuidam mais em estragar o espírito das crianças com abusões e credices absurdas do que em instruí-las e educá-las, suscitou contra ele a má vontade e o arbítrio das autoridades provinciais. Somos informados de que os diretores do colégio acatólico de Piracicaba são quase diariamente importunados com exigências e intimações, que tendem visivelmente a dificultar-lhes o exercício de sua profissão, senão o encerramento do colégio. Tal intolerância, tal perseguição, é condenável ante as nossas leis e os nossos costumes, que felizmente não ensinam o ódio aos compatriotas ou hóspedes, que comungam diferente fé. O art. 50 da nossa constituição, este ceppo a que se jungiu o desenvolvimento intelectual do povo brasileiro, ordena a tolerância e condena, portanto, a perseguição por motivo de crenças religiosas e, neste caso, a perseguição é tanto mais odiosa quando surgiu para servir os interesses industriais de outros educadores”.

Referindo-se ainda a esses tristes acontecimentos, o ilustre Rangel Pestana, na Assembléia Provincial de São Paulo, na ses-

são de 17 de fevereiro de 1887, fez um discurso, reprovando severamente o procedimento do Dr. Vienna.

O desfecho do infeliz incidente foi auspicioso no que representou para os direitos individuais no Brasil, pois com a demissão do abusado inspetor, ficou garantida a liberdade de crença e de educação conforme os padrões morais e religiosos adotados pelos educadores.

A vitória do Colégio Piracicabano foi a vitória das escolas livres no Brasil. Com o advento da República, estas se multiplicaram. Só a Igreja Metodista no Brasil fundou mais de cinquenta escolas. Algumas tiveram curta vida mas todas fizeram a sua contribuição por um Brasil melhor.

Hoje, levam instrução intelectual, moral e espiritual a milhares de jovens brasileiros os seguintes educandários metodistas: Isabela Hendrix, de Belo Horizonte; Granbery, de Juiz de Fora; Instituto Central do Povo e Bennett do Rio; Instituto Rural Evangélico, de Itapina; Piracicabano, de Piracicaba; Americano, de Lins; Educacional, de Ribeirão Preto; Noroeste, de Birigú; Educacional, de Marília; Granbery, de Pires do Rio; Porto Alegre e Americano, de Porto Alegre; Centenário, de Santa Maria; União, de Uruguaiana; Educacional, de Passo Fundo.

Além destas instituições educacionais, mantém a Igreja ainda a sua própria Faculdade de Teologia e o Instituto Metodista, que preparam jovens para as lides do Senhor.

Mas a preocupação do Metodismo com a educação do povo brasileiro não restringiu o devotamento de sua atenção aos problemas sociais. Vendo o problema dos favelados do Rio de Janeiro, décadas antes que o governo começasse a se preocupar com o mesmo, os metodistas organizaram um grande centro social, com escola, clínica, lactário, visitantes sociais, campos de esporte e igreja, que recebeu o nome de Instituto Central do Povo.

Vendo o problema dos órfãos de pais evangélicos necessitando do carinho da Igreja, ela organizou dois orfanatos modelares, que são o Instituto Ana Gonzaga, no Rio e o Lar Metodista, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E trata agora de criar mais um na Região do Centro com o simpático nome de "Vila da Infância".

Vendo a necessidade de obreiros especializados para a obra de redenção social, a Igreja criou a “Ordem das Diaconisas”, para moças que desejam se integrar totalmente à obra de Cristo. Por meio delas, espera ampliar o número de suas instituições sociais como creches, hospitais, orfanatos, ambulatórios e centros rurais.

Vendo a angústia do “nosso irmão esquecido”, que é o índio brasileiro, a Igreja organizou a Missão do Rio das Cobras, que está socorrendo material e espiritualidade um reduto de 900 índios no Sul do Paraná.

Vendo a impossibilidade de uma só Igreja manter o número suficiente de instituições sociais para atender o clamor dos necessitados, a Igreja Metodista do Brasil tem se unido a outras Igrejas para, em cooperação, manter sanatórios de tuberculosos, orfanatos, hospitais, asilos e outras instituições de assistência social.

E assim, no seu afã de encaminhar para Cristo, de educar e de socorrer, vai a Igreja Metodista do Brasil espalhando luz nesta “linha de esplendor sem fim”.

## **SUA VIDA ESTÁ EM JULGAMENTO**

“O século XX fez a raça humana pôr sua vida em julgamento”. Com esta sentença, Quincey Howe começou a sua história Mundial Hodierna. Ele expõe, com terrível clareza e força, a suprema decisão da hora em que vivemos. Aquela decisão é a sobrevivência e salvação humana ou sua extinção. A primeira metade do século XX trouxe duas guerras mundiais, com uma depressão mundial entre elas. E diante do mundo hoje assoma a ameaça de mais guerras e devastações. O tempo está se acabando. “A bomba atômica é uma bomba de tempo.” “Hoje, é o dia da salvação”, se é que há qualquer salvação para esta geração e aqueles que estão por vir.

Um dos grandes biólogos dos Estados Unidos, alguns anos atrás, estava olhando dentro da bola de cristal do futuro, especulando sobre que forma de vida poderia substituir o homem neste planeta, quando ele houvesse dado provas da sua impossibilidade de sobreviver. Ele verificou a possibilidade das espécies de insetos tomando posse da terra cigarras, gafanhotos e formigas.



Não acreditamos nisso. Não acreditamos que Deus criasse seus filhos para a exterminação. Mas torna-se cada dia mais claro que se o caos não deve vir ao mundo, os homens devem escolher os caminhos da vida, em lugar dos caminhos da morte. Hoje somos confrontados com a velha escolha, tão vividamente apresentada em Deuterônimo 30.19.

E uma hora suprema para a Igreja de Cristo, porque a Igreja está pondo em jogo a sua vida, Pode ela trazer com poder e rapidez suficientes a única salvação para um mundo de desesperada necessidade e pecado, a Palavra e o caminho de Jesus? Somente Jesus Cristo pode salvar o mundo. As armas não o podem. Não por meio de bombas, nem aviões a jato, mas por meu Espírito, diz o Senhor.

A chamada da trágica necessidade do mundo e a chamada de Deus vêm claramente à Igreja Metodista como também a outras Igrejas de Cristo, nesta hora quando a raça humana está pondo em jogo a sua existência. Ela deve, com a ajuda de Deus, ajudar a ganhar a vitória. Ela deve preservar, desenvolver e transmitir o poder salvador de Cristo para o indivíduo e para o mundo, porque nenhum outro alicerce para um mundo permanente pode ser lançado senão aquele que é lançado em Cristo Jesus. O Avante por Cristo e Sua Igreja é parte da replica que o Metodismo esta dando aquela exigência.

## **CONTINUEMOS A HISTÓRIA**

É uma experiência comum apanharmos uma revista na qual está impresso um período de uma história seriada e encontrar no começo um curto resumo dos capítulos precedentes. Aquele sumário do que aconteceu antes, freqüentemente, termina com as palavras: “continuemos a história”.

O Cristianismo é uma história seriada que tem sido publicada em grandes capítulos. O Metodismo, como parte da história cristã, é uma história seriada. Observemos alguns capítulos precedentes. Podemos ouvir, enquanto os temos em mente, as palavras de comando: “Continuemos a história”. O próximo período deve ser escrito pelas mentes e corações, a vida e o trabalho desta geração.

A história, desde o princípio, tem sido primeiramente, uma história acerca de Deus. O bispo Kenneth Kirk, de Oxford, disse que em todas as épocas de despertamento o povo tem feito a mesma pergunta: “Para onde vai o mundo?” No primeiro século já fizeram essa pergunta. Os cristãos dizem que as pessoas perguntavam erroneamente. A verdadeira pergunta não seria “para onde vai o mundo?” mas “O que veio ao mundo?”. Os cristãos estavam convencidos de que tinham a resposta a esta questão: Deus havia vindo ao mundo em Cristo e as coisas que Jesus ensinou e pelas quais Ele viveu e morreu são o verdadeiro centro do Universo. Esta é nossa história. Continuaremos esta história.

E também uma história de vidas transformadas, desde o começo da evangelização metodista em Londres até o último posto avançado na terra. E a história do esforço para transformar o mundo, para que os reinos da terra possam tornar-se o Reino de Deus e de Cristo. Continuemos a história.

João Wesley parecia temer somente uma coisa do futuro: o fogo morrer nos altares metodistas, a luz tornar-se sombria e a determinação de ganhar o mundo para Cristo afrouxar-se. Em 6 de agosto de 1776, ele escreveu: “Não tenho medo de que o povo chamado metodista um dia deixe de existir, tanto na Europa como na América; mas tenho medo de que existam somente como uma seita morta, tendo a forma de religião sem poder”.

Isso não deve acontecer e, pela graça de Deus, não acontecerá. A grande hora deve ser moldada por grandes homens e mulheres que trazem a herança do passado como um poder para a tarefa do presente. Benjamin Franklin, certa vez, tentou fundar uma igreja para si mesmo, que se chamaria “Sociedade do Livre e Fácil”. A Igreja do “Livre e Fácil” nunca poderá ser a Igreja de Cristo. Sua igreja deve manter em seu corpo, mente e coração, e na sua ação sacrificial, “as marcas do Senhor Jesus”.